

Trimestral  
Genebra  
Suíça  
Ano VI  
Dezembro  
2006  
Bilingue

# Pessoas

n°24

encontros culturais

Distribuição gratuita

Análises

Comentários

Contos

Crónicas

Entrevistas

Eventos

Galeria

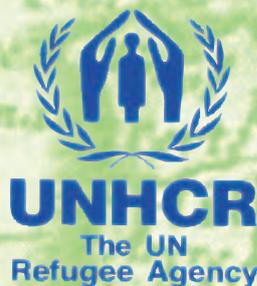
Opiniões

Poesia

Roteiros



*Luiz-Manuel - Escritor e poeta*



**ACNUR**

*António Guterres*

*Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados*





**A SARA E O ZÉ  
NÃO TÊM  
PAIS RICOS  
MAS TÊM UM  
RICO SPREAD**

Av. de Montchoisi, 15 – 1006 Lausanne  
Tél. + 41 21 614 00 14 • Fax: +41 21 614 00 15  
Câmbio + 41 21 614 00 16 • WWW.BES.PT  
E-mail: emigr@bes.ch  
BESDIRECTO: 00 8000 247 36 50

**CRÉDITO HABITAÇÃO BES** A Sara e o Zé não têm pais ricos nem ganharam a lotaria, mas escolheram a casa que queriam. Porque com o spread promocional de 0% do BES, sabem que podem comprar uma casa maior. Sempre com a prestação mais baixa.



**BANCO  
ESPIRITO  
SANTO**

Quem  
sabe, sabe  
e a Sara e o Zé  
é que sabem

# Pessoas

## ficha técnica

**Propriedade**  
L.C.

**Director**  
António Pinheiro

**Edição**  
A.P.I.C.

**Chefe de Redacção**  
Luz Neto

**Redactores permanentes**  
António Louçã  
Benjamin Ferreira  
Catarina Reis  
Paulo Morgado  
P. Bártole  
Rosa Adanjo

**Colaboraram neste número**  
Álvaro Fernandes  
Casimiro Oliveira  
Gabriela Silva  
Giuseppe Patanè  
João Abraços  
Luís Florêncio  
Luísa Costa  
Lurdes Trindade  
Manuel Bernardo  
Miguel Neves Passarinho  
Rose-Mary Magnin

**Grafismo e Paginação**  
Eduardo Pinho

**Fotografia**  
António Pinheiro  
Mário Pereira  
Octávio Xisto

**Publicidade**  
Gabriel Bettencourt

Pessoas magazine  
CP 1877  
1211 Genève 1

Bd. James Fazy 18  
1201 Genève Suisse  
Tel +41 22 738 85 25  
Fax +41 22 738 88 37  
pessoasmagazine@bluewin.ch

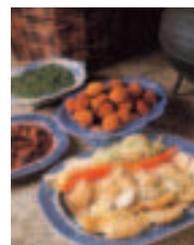
**Periodicidade trimestral**  
Assinatura  
20 frs / ano – Suíça  
40 frs / ano – Europa  
Tiragem deste número  
5.000 exemplares

**Distribuição gratuita**

Leia a **Pessoas** na internet  
[www.espacoportugues.ch](http://www.espacoportugues.ch)  
[www.livraria-camoes.ch](http://www.livraria-camoes.ch)

## sumário

- 4-5----- Editorial
- 6 ----- Guerra e Paz em 2007
- 7 ----- Banha da cobra
- 9 ----- Bolsas de Estudo
- 11 ----- Exaurida
- 12 ----- Lopes Graça
- 14 ----- Le Palais Eynard
- 16 ----- O Filho Pródigo
- 18 ----- Os Maias, espelho de um tempo
- 21 ----- Observatório de Genebra
- 23 ----- Entrevista, Luiz-Manuel - Escritor e poeta
- 30 ----- ACNUR - A. Guterres, Alto Comissário
- 36 ----- O Pescador
- 38 ----- Pedras da vida
- 40 ----- Mário Cesariny - in memoriam
- 42 ----- Roteiros – Bex, Minas de Sal
- 45 ----- Brigada Ligeira
- 46 ----- Endereços úteis



# Pessoas

Distribuida na Suíça por



# LEDOSA

JOSÉ ANTÓNIO LEDO

Distribuidor, em toda a Suíça, da imprensa portuguesa e espanhola

Rue des Gares • 1201 Genève • Tel: 022 740 42 20 • 022 740 20 73 • Fax: 022 740 42 22

Rues, maisons, places et vitrines sont remplies d'arbres colorés. Les gigantesques décorations exaltent l'ego de beaucoup de Portugais. "Nous avons eu le plus grand arbre", disent-ils, orgueilleux. Les brillances superficielles passées, restent les plaies exposées: nous avons des travaux les plus compliqués, inachevés; nous avons le plus grand chaos dans le trafic, avec les plus grands trous dans les routes; pour nous aider, nous avons une pesante bureaucratie qui continue à ne pas vouloir s'alléger; nous avons des milliers de chômeurs et d'employés en situations précaires; nous avons un service de santé toujours à la traîne, nous avons des centaines de jeunes "en bande", inadaptés dit-on, qui cassent et volent sur leur passage... et, malgré tout, nous nous entêtons à être les plus "illuminés" de tous. Nous continuons à cacher le soleil avec un crible.

Mais 2007 a débuté, tout neuf, nous avons envie de le colorer!

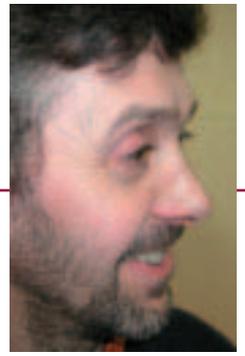
Comme toujours se tissent des projets et se nourrissent des réalisations et nous balayons toutes les énergies négatives pour remplir ces cinquante-deux semaines de paix, de travail, de solidarité, de justice et d'amour. Nous paraissions utopiques? Nous croyons la source de l'es-pérance inépuisable.

Le souhait croissant des nouveaux pays qui veulent entrer dans la Communauté européenne est inépuisé. La Bulgarie et la Roumanie sont entrées depuis peu, dans le groupe au drapeau azur étoilé, ce qui prouve aux détracteurs qu'il n'est pas si mauvais que cela d'appartenir à l'EU qui fêtera le 25 mars prochain, le cinquantième anniversaire de sa formation lors du Traité de Rome.

Une autre date est à retenir, celle à un niveau plus national du 11 février. Une fois de plus, nous allons à un référendum pour les IVG (interruption volontaire de la grossesse). Pourvu que les résultats obtenus il y a huit ans (50,9 %) ne se répètent pas, afin d'en finir une fois pour toutes avec l'hypocrisie, le jeu des sales affaires clandestines, véreuses et lucratives qui grossit de plus en plus le nombre de morts provoquées par des avortements clandestins. Contraception, planning familial, avortement, doivent être traités avec le même respect et la même dignité. Pourquoi pénaliser la femme? Pourquoi lui dérober le droit à l'assistance médicale, dans un acte qu'elle a choisi, consciente et fragilisée? Il y a le droit à la vie, bien sûr, mais préoccupons-nous de le considérer en toute liberté et dignité.

PESSOAS remercie ses lecteurs et ses collaborateurs pour le partage et la stimulation offerts pendant 2006 et souhaite que 2007 soit spécial pour tous.  
Bem-hajam

*Ler a Pessoas é saber mais!*



Enchemos as ruas, casas, praças, montras com árvores coloridas. As gigantescas decorações exaltaram o ego de muitos portugueses. *Tivemos a maior árvore* – dizem, ufanos. Passados os brilhos superficiais ficam as mazelas expostas: temos as mais complicadas obras inacabadas; temos o maior caos no trânsito, com os maiores buracos, nas estradas, a ajudar; temos a pesada burocracia que teima em não aligeirar; temos milhares de desempregados e empregados em situações precárias; temos um serviço de saúde pelas ruas da amargura; temos largas centenas de “bandos” juvenis que, inadaptados – dizem – desbaratam e saqueiam tudo à sua passagem... e, contudo, teimamos em ser os mais “iluminados” de todos. Continuamos a tapar o Sol com a peneira.

Mas o 2007 entrou, aqui o temos, novinho em folha. Apetece colori-lo!

Como habitualmente se tecem projectos e se alimentam concretizações, nós vamos varrer todas as energias negativas e encher estas 52 semanas com paz, trabalho, solidariedade, justiça e amor.

Parecemos utópicos? Não cremos, a fonte da esperança é inesgotável.

Inesgotável como o desejo crescente dos novos países que querem ingressar na Comunidade Europeia. Bulgária e Roménia entraram para o grupo da bandeira azul estrelada e provando, aos detractores, que não é tão mau assim pertencer à Europa Unida que vai festejar a 25 de Março o quinquagésimo aniversário da sua formação no Tratado de Roma.

Outra data a ter em conta, esta mais caseira, é o dia 11 de Fevereiro. Mais uma vez vamos referendar a IVG (interrupção voluntária da gravidez). Oxalá que os resultados obtidos há oito anos (50,9%) não se repitam para acabar de vez com a hipocrisia, com os jogos sujos de negociatas lucrativas clandestinas que engrossam, cada vez mais, o número de mortes por aborto clandestino.

Contracepção, planeamento, aborto, devem ser temas tratados com o mesmo respeito e a mesma dignidade. Porquê penalizar a mulher? Sonegar-lhe o direito de assistência médica num acto que ela, fragilizada, tomou?

Há o direito à vida, sim, mas preocupemo-nos, então por proporcioná-la em liberdade e dignidade

A PESSOAS agradece aos leitores, aos colaboradores a partilha, o incentivo que lhe deram durante 2006 e faz votos para que o 2007 seja especial para todos. Bem-hajam.

António Pinheiro

## PESSOA



### Café Littéraire

*simplesmente diferente*



## Guerra e Paz em 2007

**S**e o conde Léon Tolstoï me lesse – suprema ironia – ficaria irritado com o pretensiosismo do título e dir-me-ia, solícito e hirsuto, que mudasse de cabeçalho ou de profissão. Não o fará, seguramente, dado que a sua longa barba branca de Pai Natal das letras, repousa num mar de anjos, sentados na neve, admirando a marcha lenta dos comboios. Que assim seja. Amén!

Por estranho que pareça, o mundo de hoje muito se assemelha ao miserabilismo de antanho. O jogo da ambição, as traições sórdidas e as pequenas fraquezas dos homens, em nada diferem das relatadas pelo conde Tolstoï, leitor assíduo de textos sagrados e do Novo Testamento. Tudo isto vem a propósito de época que vivemos, a de um Natal repetido e oportuno: repetimos os sentimentos e as prendas e aproveitamos a ocasião para desfilar votos de sucesso, de felicidade, de bem-estar e de paz entre os homens de boa vontade. Votos de paz, repito. Sem vergonha e sem corar de hipocrisia. Nós e os senhores que nos governam, no desgoverno dos discursos e no fingimento das boas intenções. A paz faz-se ausente dos encontros natalícios num planeta de guerras e de tormentos, neste nosso planeta de fomes provocadas, de violações

consentidas, de atentados pensados e de mortes televisivas! Guerra sem Paz, evocando o escritor, “fruto da miséria e da ambição do mais animal dos animais do planeta”. Guerra de quem reza palavras de paz e envia bombas pela calada da noite. Guerras, senhores!

Elas estão aí, andam por aí, anunciam-se por aí, as guerras que temos e que quase esquecemos – Afeganistão, Chechénia, Colômbia, Congo, Filipinas, Costa do Marfim – e as guerras a “sério”, aquelas que se filmam e das quais se fala: Iraque e Palestina. Elas pretenderam, sempre, resolver qualquer coisa e acabaram com novos problemas nas mãos. Mesmo assim, diante da violência e da morte, é curta a memória e complexos são os sentimentos dos homens: nova guerra se prepara em terras da Somália, Etiópia e Eritreia!

Se o Natal ainda tiver um sentido qualquer, que seja o da reflexão interior e o da partilha da solidariedade. Que a reflexão interior consiga transformar o conhecimento em sabedoria e que a solidariedade consiga transformar as palavras em movimentos de verdadeira compaixão e comunhão de sentimentos. Boas-Festas, por isso e para isso.

O seu site. A nossa imagem. Os mesmos objectivos.

- Alojamento Web desde 1.95€
- Domínios a partir de 7.90€
- Construimos sites profissionais

**WEBHOSTPT.com**  
MAIS SOLUÇÕES PARA SI!

[www.webhostpt.com](http://www.webhostpt.com)

## Banha da cobra

Dentro de cinco anos, o salário mínimo será de 500 euros. A assinatura do acordo que prevê pagar essa fortuna a milhares de trabalhadores portugueses foi noticiada com toda a solenidade. Não faltou quem lhe chamasse, ao acordo, “histórico”. Como não faltará, certamente, quem veja nele mais um passo para o tratamento europeu dos trabalhadores portugueses.

Entretanto, outro aumento que vem sendo prometido para um futuro próximo é o dos subsídios de desemprego (não era a segurança social que estava à beira da insolvência, com graves dificuldades para cumprir os seus compromissos?)

Também o aumento do subsídio de desemprego deve ser um passo para a Europa. Afinal faz parte daquilo a que o governo Sócrates chama “modelo dinamarquês”: carta branca para despedir ou para pagar apenas uma parte do salário nas semanas ou meses em que a carteira de encomendas não dê para ocupar os trabalhadores durante um horário completo. O aumento do subsídio de desemprego é apenas para dourar muito ligeiramente a pílula amarga que nos querem fazer ingerir.

“Europa” e “democracia” são as palavras mais gastas que os nossos governantes lá têm no seu vocabulário. Se querem um “modelo dinamarquês”, porque não começaram por fazer referendar, como na Dinamarca, o Tratado de Maastricht? Talvez porque tenham visto que o exemplo dinamarquês foi o de recusar a Europa do capital. E esse exemplo corre, hoje, o risco de ser seguido em muitos outros países, quando os eurocratas têm o descaramento de aprovar a Directiva Bolkestein, ao arrepio de um sentimento unânime dos povos.

Quem na Dinamarca pode desejar um salário polaco, quem em Portugal pode desejar um salário romeno? E, no entanto, é isso que a



directiva determina, ao permitir às filiais de uma qualquer empresa que imponham no estrangeiro as condições vigentes no país da empresa-mãe. Com a esperteza saloia que anima tantos patrões portugueses, não nos admiremos amanhã de encontrá-los a domiciliarem as suas empresas na Albânia, em sedes fictícias, que lhes permitam criar filiais em Portugal com salários albaneses.

Note-se que, no momento em que o tratado constitucional europeu foi chumbado pela esmagadora maioria do eleitorado francês, muitos dos nossos eurocratas despeitados disseram que tinha havido uma confusão entre o tratado constitucional e a Directiva Bolkestein. O ódio à directiva era tanto que o tratado também apanhou por tabela, diziam-nos. Agora, são os mesmos eurocratas conscientes da impopularidade da directiva que a fazem passar pela porta do cavalo e a aprovam à revelia de qualquer consulta popular. De igual modo, o candidato presidencial da direita francesa Nicholas Sarkozy, já afirmou que o tratado constitucional tem de ser aprovado, mesmo contra a vontade da maioria, e que ele, Sarkozy, quando for

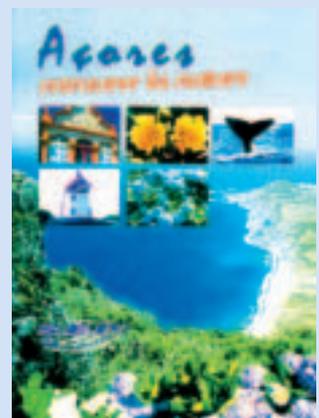
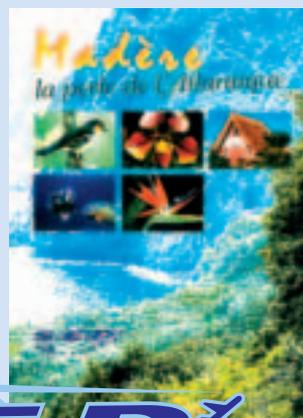
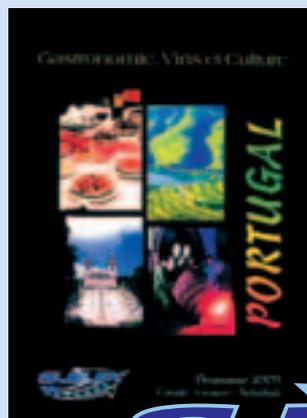
## Banha da cobra

eleito, o fará aprovar no parlamento, para que o povo não venha novamente complicar-lhe os planos com alguma genuína expressão democrática. Nada disto significa que Sarkozy seja o mau da fita e que Segolène Royal seja a indómita defensora de uma democracia ameaçada. É verdade que a candidata do Partido Socialista ainda não fez nenhuma comparável afirmação de desprezo pela vontade popular francesa, até porque o seu próprio partido se dividiu na altura do referendo constitucional europeu e agora não lhe dava jeito nenhum voltar a dividi-lo em plena campanha eleitoral. Mas o apreço de Royal pela democracia também ficou bem estampado na sua atitude ao visitar a Palestina, sem se entrevistar com o governo democraticamente eleito do Hamas.

Não nos atirem portanto areia para os olhos nem tentem vender-nos banha da cobra. Se querem trazer para Portugal um “modelo francês”



ou um “modelo dinamarquês”, comecem por organizar consultas democráticas, no caminho da que em Fevereiro se faz sobre o aborto mas muito para além dela. Se quisermos, nós, cidadãos e cidadãs, um “modelo francês” ou um “modelo dinamarquês”, comecemos por ganhar essas batalhas democráticas e por fazer respeitar os seus resultados. E, fazendo respeitá-los, imponhamos, com a luta, condições sociais e salários “dinamarqueses”.



A Agência que lhe propõe e aconselha com dinamismo todos os destinos das suas férias, segundo o seu desejo.

**Solicite os nossos catálogos!**

[www.sepvoyages.com](http://www.sepvoyages.com)  
[agence@sepvooyages.com](mailto:agence@sepvooyages.com)

L'agence qui vous propose et vous conseille avec dynamisme toutes les destinations de vos désirs.

**Demandez nos catalogues!**



## Bolsas de Estudo

**F**oi em Berna que os nossos jovens estudantes receberam os prémios.

O senhor Embaixador de Portugal, na Suíça Dr. Eurico Jorge Henriques Paes pôs a sua casa à disposição para a singular, mas significativa, cerimónia de entrega das bolsas de estudo aos jovens estudantes.

A entrega simbólica dos prémios foi feita pelo Sr. Administrador da CGD, Dr. Francisco Bandeira, que exortou os contemplados a prosseguirem empenhadamente as suas carreiras académicas.

O Embaixador de Portugal fez uma breve alocução sobre o evento, felicitando os que conseguiram ganhar as bolsas de estudo. Seguidamente, dirigindo-se ao Administrador da Caixa Geral de Depósitos disse (citamos): da importância “do Banco que V.Ex. representa ( e que) decidiu em boa hora lançar estes prémios. É uma iniciativa pioneira e que eu até desejaria que fosse alargada a outras instituições portuguesas que aqui estão instaladas. Tenho esperança que este tipo de apoio possa animar e incentivar os jovens portugueses na sua busca de cultura e formação mais evoluída. A nossa comunidade aqui na Suíça é uma comunidade grande, à volta de 200 mil pessoas... Felizmente a comunidade portuguesa não é conhecida por problemas que levanta nem por mau desempenho no meio laboral, mas é necessário, nos dias que correm, que possam progredir na área do ensino, da formação, na obtenção de diplomas que mais facilmente contribuam para se inserir na sociedade. Portanto, estas iniciativas, mais concretamente esta iniciativa que a Caixa Geral de Depósitos lançou, tem para nós um valor e uma importância extraordinária. O anúncio de haver novas bolsas de estudo para o ano,

*mais me anima e me dá a certeza de que este é o bom caminho. Exorto todos os jovens a perseguirem os seus objectivos; a terem uma vida mais digna e profunda neste país que é um dos mais desenvolvidos do mundo. Agradeço a todos pelo esforço que estão a fazer e a presença, entre nós do senhor Administrador da Caixa Geral de Depósitos, marca a importância que está a dar a esta iniciativa e, por isso, o nosso bem haja. Aos cinco universitários que receberam este prémio, os nossos parabéns e o desejo que continuem a progredir e a pôr o nome do nosso país o mais alto possível.”*

Trocando algumas impressões com os jovens contemplados com as bolsas de estudo - Rui da Silva, Neuchâtel; Diana Pereira, Thun; Vanessa Mota, Lausanne; Alexandrina Arantes, Lausanne; Patrícia Silvério, Genève - fizeram-nos saber do desejo de acabarem os cursos e de se especializarem nas áreas que escolheram

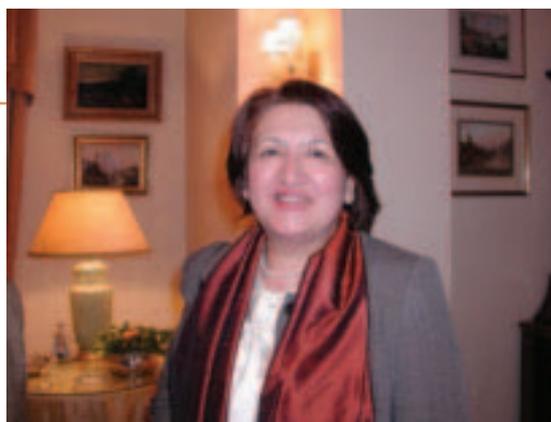
Estas bolsas de estudo abrem-lhes mais perspectivas? - *Sim, sim e dão-nos mais força de vontade para continuar.*

Quais os projectos mais imediatos? - *Acabar a Faculdade e continuar a minha investigação em Ciências – outra jovem acrescenta - Acabar medicina e continuar no ramo da investigação”.*

Solicitámos um comentário do Senhor José Rito, Gerente e Representante da Caixa Geral de Depósitos, na Suíça sobre o significado e os objectivos que este Banco se propôs, ao instituir estes prémios.

- *Essencialmente tem como objectivo motivar os jovens na sua formação, apoiá-los financeiramente nos seus projectos de estudo, ou seja dando-lhe um pequeno “empurrão” – entre aspas – na área financeira,*

## Bolsas de Estudo



*apoando assim, cada vez mais, a sociedade portuguesa, na Suíça, a todos os níveis. Neste caso, o apoio, dirige-se prioritariamente a nível dos quadros empresariais e quadros superiores.*

*A comunidade portuguesa, aqui, estando ainda muito deficitária nesta matéria tem obrigatoriamente de se preocupar com esta vertente. Se ocupa já um lugar cimeiro, mas comum, nas comunidades estrangeiras, esse lugar não tem correspondência na área dos quadros médios e superiores. Ora esta é uma boa oportunidade para publicarmos estas ideias e estes objectivos que penso serem que também os quereres da própria comunidade.*

**P - Então esta incentiva vai ganhar raízes? Vai continuar?**

R - Sim, esta e outras, são para continuar, obviamente. Como sabe, esta iniciámo-la este ano. Não conseguimos entretanto atingir ou levar a mensagem a todos os estudantes universitários – oxalá sejam muitos mais do que aqueles que concorreram será um bom sinal e um bom sintoma... – embora tenhamos feito um esforço importante, que foi de a dar a conhecer a todas as associações e centros portugueses. Talvez o período não tenha sido o mais propício visto que muitos dos nossos jovens não souberam, mas o facto de os pais os terem alertado é sintomático de que a mensagem “frutificou” nas áreas onde a tínhamos “semeado”.

**P - E para o ano?**

R - Para o ano esperamos que esta primeira mensagem das bolsas de estudo passe e que tenhamos um crescendo de candidaturas; como o senhor Administrador da Caixa já deu azo e se comprometeu com o dobro de bolsas, significa que este crescendo vai ter, no mínimo, o dobro de candidaturas. Presentes, estavam, também, os membros do júri que avaliou as propostas dos jovens estudantes.

A Coordenadora do Ensino Português na Suíça,

Dra. Madalena Silva, aceitou trocar algumas palavras com a PESSOAS:

**P – Sra. Dra. Madalena, como membro do júri de selecção, houve muitas candidaturas?**

R - Houve 50 candidaturas o que para uma primeira vez foi óptimo. Acho que isto agora é um incentivo a que outros jovens se candidatem, no futuro. Foi fantástico como primeira iniciativa que por acaso não foi tão divulgada quanto isso.

**P - Acha então que a comunidade portuguesa, mais jovem, não descursa tanto assim o seu futuro profissional...**

R – Acho, com certeza, e temos aqui uma prova do seu empenhamento. Penso até que estes candidatos serão os motivadores dos próximos que hão-de vir.

**P - Em que se basearam para fazer esta selecção?**

R - Sabe. Isto foi difícil. E foi difícil porque nós gostaríamos de dar um prémio a todos. Todas as candidaturas eram boas candidaturas. Mas baseámo-nos essencialmente no rendimento socioeconómico das famílias. Essa foi a base principal para esta selecção.

**P - Acha que, para o ano, vai continuar esta entrega de bolsas de estudo?**

R - Acabamos de ouvir o senhor Administrador da CGD dizer que iriam continuar, e que para o ano haveria o dobro das bolsas. Eu espero que haja o triplo o quádruplo...isto ajuda-nos a ver a força da nossa comunidade. Dizem que os nossos alunos não têm vontade, não têm bons resultados... Mas nós temos bons alunos e bons resultados e estes motivarão outros, e outros...

**P - A revista PESSOAS vai formular-lhe, aqui, um voto: oxalá para o ano tenha tanto, tanto trabalho na selecção de candidaturas que o número ultrapasse largas centenas.**

R - (risos) Esperemos que se concretize...!

## Exaurida

**T**ropecei hoje neste palavra e fiquei pensativa. Não há dúvida que as palavras são o que são, mais o que a gente lhes acrescenta. Exaurida? Palavra bonita – pela grafia, pelo desenho das letras, aquele x lembra-me arabescos, pela imagem que em mim recria: a profundidade de um vale seguida de um pico, paisagem de fim de tarde, tons suaves, um rio a correr no meio da palavra, um silêncio prolongado. Não tem ar de palavra comum, antes de nome próprio – nome de mulher com olhos magoados e tão forte isto é que, cá para mim, seria natural dizer-se Sou Exaurida, a escrava do Senhor; e não, como convém, estou exaurida, assim banalmente escrita em letra minúscula, e sujeita ao estado físico ou psíquico de um mortal estourado. É o que se chama desprovação.

Também há quem dê cores às palavras, mas esse dom nunca o senti. Rimbaud dava, como é sabido, cor às vogais, mas também há quem dê cor às palavras: para alguns, domingo é vermelho, o sábado amarelo, e, por este andar, a segunda deve ser cinzenta e férias deve ser rosa fúcsia. Mas, voltando à exaurida, tudo isto é fruto da associação de ideias, diz-me o meu lado compreensivo, que é o mais desgastante dos meus lados. Para ser sincera,

penso que todos os meus lados são desgastantes – por isso, às vezes me é tão difícil conviver comigo. Coisas de gente muito metida consigo própria, ao ponto de, se tornar desagradável – ouve lá, ó tu de mim, e se fosses dar uma volta e me deixasses em paz? Mas eu falava de associação de ideias. Então, exaurida é-me apercebida como nome próprio, por associação com Adosinda, Isolinda, Ermelinda, embora estas tenham um toque nasalado que as torna bem mais pesadas. Também me soa mais natural entendê-la apenas como palavra feminina. O masculino não lhe calha tão bem. Tem alguma coisa de feminino e assim a quero – feminina contra a gramática; delicada quanto baste, subtil como um gesto, nimbada de fragilidade. E de pouco uso, resguardada. Sem pertencer ao rol das palavras quotidianas. Imaginem uma mulher que chega a casa, descalça os sapatos, estende-se no sofá e languidamente suspira: - estou exaurida! O que vai pensar a família? Uma mãe, uma esposa exauridas!

Guardem-se as palavras certas para as ocasiões certas e, sobretudo, não abandonemos! Uma mãe de família é uma mãe de família e essa, nunca está exaurida.

**É bom  
tê-lo connosco.**





# Lopes Graça

vanguardismo universalista de mudanças revolucionárias.

O nacionalismo atravessa todas as artes no final do século XIX. É uma reacção anti-académica e a vivacidade da cultura popular trouxe à música erudita uma golfada refrescante e inédita.

A herança do nacionalismo musical que se desenvolveu a partir de convicções e de empenhamentos, via muito além dum recenciamento de melodias e costumes populares. Investiga, usando ritmos e escalas para alargar a linguagem musical numa estrutura e solidez académicas.

Em Portugal o estilo musical do século XIX e princípio do século XX nada tem duma consciência nacionalista à modo dos outros países europeus. O compositor mais empenhado na canção popular é Fernando Lopes Graça. A sua originalidade e, por isso, o seu contributo cultural à arte dos sons em época de nacionalismos, é a forma como o Mestre Lopes Graça enfrenta a manipulação cultural do folclore pelo Estado Novo que governou o País com ingredientes facistas de 1928 a 1974.

O Mestre não se prende ao bucolismo romântico nas muitas versões corais que compôs. É rude e frontal e serve-se da música para contribuir para o conhecimento da sociedade em que essa música é produzida.

## 2 – A História Social da Música

Os acontecimentos artísticos também eles são acontecimentos humanos (Bettencourt Câmara). Desde a primeira década do século XX que aconteceram transformações radicais no universo das artes. Na música a rebelião atinge o sistema tonal, intacto desde a época de Seiscentos. A harmonia convencional deixa de comandar o discurso sonoro. A liberdade é a lei e o compositor tem o direito de criar o seu próprio sistema.

## 1 – Herança do Nacionalismo Musical

O centenário do nascimento de Fernando Lopes Graça, além de justa homenagem nas páginas desta revista, é excelente ocasião para abordar dois temas apaixonantes: a herança do nacionalismo musical e a história social da música.

A expressão do orgulho e do carácter pátrio tornou-se um elemento marcante no período romântico, e foi na Rússia que o movimento nacionalista desenvolveu os ideais, patrióticos a partir do século XIX. Os compositores começaram a usar as energias da música tradicional do País e incorporaram esses ritmos e melodias nos concertos e na composição sinfónica.

É inegável o talento de Borodini, Rimsky-Korsakov entre os mais famosos do chamado “Grupo dos cinco”. O talento e a influência ateados a toda a Europa de Leste, desencadeou um movimento de música programática baseada nas lendas e nos acontecimentos históricos desses países.

O sucesso fez escola com Dvorak e sobretudo com Bela Bartok, empenhados num esforço de

1906-1994



Agora, o ideal de ser livre reactiva o interesse por tudo, desde o sagrado ao político. Nasce aqui a questão duma antropologia ou duma sociologia da arte musical enquanto fenómeno humano e social. É dentro da história humana, do seu contexto social e político que se processa e organiza a história de todas as manifestações artísticas. Não há conflitualidade entre o valor estético da arte e a mensagem sociológica que ela respira. Aceitemos, sem acidez conservadora, as teses do Neo-Realismo no seu empenhamento político e social ao serviço da música: “Os revolucionários sempre perceberam que às revoluções servem bem as canções revolucionárias” (Bettencourt Câmara).

Nos anos cinquenta há um salto decisivo. Acentua-se a dicotomia entre a dita música clássica e outro espaço a dita música ligeira. Nasce o “Rock”, o “Pop”, a canção com outros códigos sociais e reivindicativos, o “Twist”, o “Shnake”, etc. Não pretendo esgotar-me na análise das novas tendências que invadiram o mundo do post-guerra, aburguesado e cansado duma sociedade de consumo e numa tendência cadenciada para a violência que nem o “Maio de 68” conseguiu parar.

Muitos foram os profetas da nova linguagem musical. De fora, faço justiça ao êxito espectacular dos Beatles. O desafogo económico da Europa e da América deu origem a uma cultura juvenil endinheirada e febril. Os jovens, açucarados por essa cultura, tomaram de assalto o mundo, representando um ideal de liberdade radical.

Feitas as contas e ressaltando o mérito do movimento Hippie, a ilusão foi o saldo de uma cultura dominada pela emoção e a catarse fácil, excitante e massificadora dos sentimentos dos próprios jovens.

Cá dentro, entre nós, a música sofreu o mesmo registo mas também foi expressão donativa com muita gente a reclamar mudanças – era a época da guerra colonial – ao mesmo tempo que atacava impiadosamente as bases tradicionais da sociedade portuguesa “dominada pelo trono e pelo altar” (A. José Barreiros)



# Le Palais Eynard

## De la capitale des Gaules à la Rome protestante

**N**é à Lyon, le 28 décembre 1775, Jean-Gabriel Eynard, après avoir pris part à l'insurrection de la Cité des Soyeux contre la Convention, se réfugie d'abord à Genève, puis dès 1795, comme négociant, il s'établit à Gênes, en Ligurie, où, en peu d'années, il fait fortune.

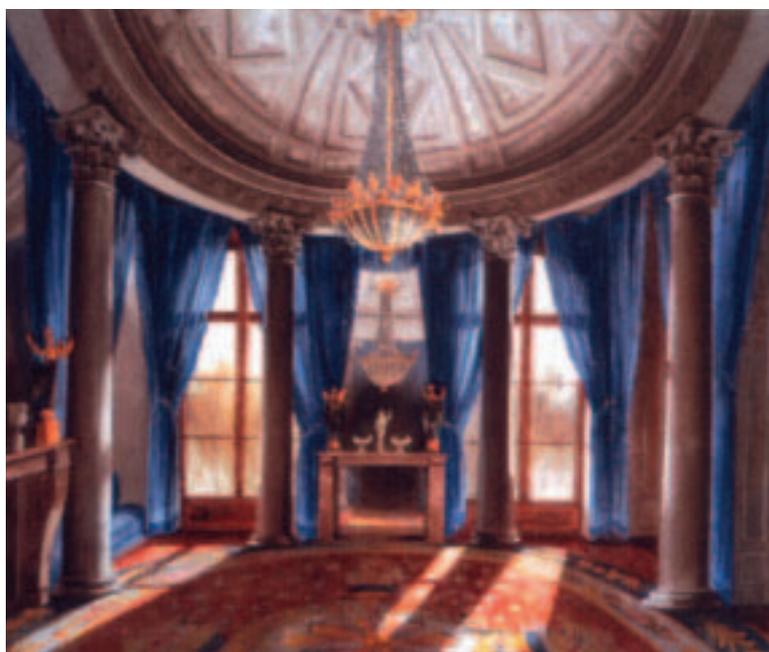
En 1803, il se fixe à Florence et il s'attache à réformer les finances des principautés de Lucca et de Piombino, puis celles de l'Etat toscan sous le règne de la grande-duchesse Elisa Baciocchi, sœur de Napoleone Buonaparte; par son œuvre, il est comblé d'honneurs et de privilèges.

Le 2 octobre 1810, il épouse, à Crans, Anne-Charlotte-Adelaïde (dite Anna) Lullin de Châteauvieux, née à Lancy près de Genève, en 1793. Il vit désormais dans sa propriété de Beaulieu près de Rolle en pays vaudois, et à Genève, où, quelques années plus tard, il fera construire son palais dans un clair esprit méditerranéen.

### Le philhellène

Avant de nous entretenir de ce palais, qu'il nous soit permis de parler brièvement de Jean-Gabriel Eynard, philhellène, qui à partir de 1821 et jusqu'en 1830 va généreusement soutenir la cause des Grecs insurgés contre les Turcs, avec toutes ses forces et une partie de sa fortune. Après trois siècles et demi d'occupation ottomane, alors que la Valachie et la Moldavie s'insurgent contre l'opresseur venu d'un Orient lointain, la Grèce continentale, à son tour, réclame sa liberté. Le sultan ne répond que par de multiples actions aussi sanglantes que barbares. En mars 1825, par exemple, les troupes turques massées en Grèce occidentale, bientôt aidées d'Égyptiens, s'en prennent à la place de Missolonghi. L'inter-

minable siège est très mal ressenti par toute l'Europe, les comités d'aide, et Jean-Gabriel Eynard en particulier, se préoccupe de faire porter des vivres et des munitions aux assiégés.



Palais Eynard, Le Salon Rose

Le 22 avril 1826, la localité est conquise par les Turco-Égyptiens. La plupart des défenseurs sont morts en héros; quelques-uns ont réussi à se réfugier dans les montagnes. Les femmes et les enfants survivants ont été vendus sur les marchés d'esclaves d'Arta et de Prévéza.

Après dix mois de siège, Athènes est abandonnée aux Turcs en juin 1827. Enfin les puissances européennes sous la pression de l'opinion publique prennent ouvertement parti pour la Grèce, pour le glorieux berceau de notre culture occidentale, et concluent, le 6 juillet 1827, le Traité de Londres. La flotte turco-égyptienne est coulée en rade de Navarin le 20 octobre 1827.

Le philhellène Jean-Gabriel Eynard, qui a défendu avec acharnement et constance l'indé-

pendance de la Grèce s'éteindra à Genève le 5 février 1863, à un peu plus de 87 ans.

Remontons dans le temps et considérons maintenant la réalisation de son palais, l'une des plus superbes demeures qui ne cesse jamais de nous surprendre et de nous faire rêver.

### Dans la République de Genève à peine entrée dans la Confédération helvétique

Jean-Gabriel Eynard entreprend de se faire construire un palais de style classique, italien. Genève en ces années n'a pas de terrain disponible à l'intérieur de ses fortifications.

L'audacieux financier porte alors son choix sur l'angle sud-est des bastions, agrémentés par une belle promenade et un jardin botanique.

Le 26 février 1817, J.-G. Eynard écrit aux autorités afin d'obtenir une partie du Bastion bourgeois. Le 10 mars déjà, il reçoit un préavis favorable.

Divers dessins et études sont élaborés par Anna Eynard, par J.P. Moll, Noblet, Samuel Vaucher. Chacun apporte des idées pour une réalisation vraiment originale; il faut enfin arriver à une synthèse pour un étonnant chef-d'œuvre palladien, à une interprétation nouvelle de Vitruve par un architecte de valeur, et c'est à Giovanni Salucci que l'on s'adressera.

### Giovanni Salucci

Né le 1<sup>er</sup> juillet 1769 à Florence, son activité d'architecte se développe aussi à la Cour du roi



Jean Gabriel - Eynard (1775 - 1863)

de Wurtemberg. Il construit de nouveaux édifices à Stuttgart: le palais royal, un superbe théâtre, le grand manège, la tombe de la reine Catherine sur la colline du Rothenberg, à la forme d'un petit temple circulaire, une belle maison de campagne sur le Rosenstein.

Ce n'est qu'en 1839 que Giovanni Salucci retourne dans sa ville natale. Le succès semble alors l'avoir abandonné; il meurt pauvre à l'hôpital de Santa Maria Nuova le 18 juillet 1845. Des amis fidèles lui font élever une tombe dans le cloître du couvent de San Marco.

### Revenons sur les bastions

La construction du Palais Eynard à cheval sur le bastion débute en 1817; on l'inaugure le 7 avril 1821, mais ce n'est qu'en 1830 que la décoration interne du palais est complètement achevée.

L'étage noble est placé dans le socle en bossage. L'entrée principale se trouvant côté rue, il faut un escalier monumental pour y descendre et y accéder; c'est le lieu destiné aux fastueuses réceptions. En plus des trois salons et de la salle à manger, il possède à l'origine un petit théâtre. Ce rez-de-chaussée est décoré des belles peintures en trompe-l'œil des Toscans Soldaini et Spampani, alors que les plafonds des étages sont peints par Trifoglio et Trolli.

Le palais reste la propriété des descendants de Jean-Gabriel Eynard jusqu'en 1891, année où il est vendu à la Ville de Genève avec 5530 m<sup>2</sup> de terrain, pour le prix de 500 000 francs.

En 1921, le Palais Eynard est classé monument historique. En 1985, on y installe les secrétariats du Conseil administratif et du Conseil municipal. Le conseil administratif y tient ses séances.



Palais Eynard

### O Filho Pródigo ou um conto de

**E**ra um Manuel qualquer – Portugal é a terra dos Manuéis – filho de um casal de agricultores, trabalhava com os pais no amanho das terras, que não eram muitas nem muito extensas. Davam para remediar a casa e não passavam daí. Diga-se, em abona da verdade, que o Manuel era um guapo rapaz, forte e desempenado, dado ao trabalho e sem nada que se lhe apon-tasse. Fizera a instrução primária mas o rendimento da casa não dava para continuar os estudos e por ali ficara agarrado à rabiça do arado. Já pas-sava dos vinte, fizera o serviço militar, era “pimpão”, não lhe faltavam, portanto, raparigas da sua classe que o quisessem para marido. No entan-to, a sua afeição fixara-se na Maria – Portugal, além de ser terra de Manuéis é também terra de Marias. Gostava da moça, era bonita, muito jeito-sa, os pais tinham algo de seu e não desgostavam vê-la casada com o Manuel, assim como os pais dele gostavam da Maria para mulher do filho. Resumindo: namoraram-se e queriam-se.

A vida ia correndo pacata e sossegada como nas outras aldeias mas eis que surgem os anos da emi-gração, os anos do famoso “salto” para terras de França. O Manuel como tantos outros, não resis-tiu à tentação, principalmente quando viu aparecer uns amigos com uns carros que eram um espanto! Não! Aquela vida na aldeia não levava a lado ne-nhum, tinha que fazer como os outros. Sem dizer nada aos pais, nem avisar a Maria, porque sabia que não gostavam, arranjou dinheiro como pôde e aí vai ele a “salto”. Só os que passaram por essa experiência podem contar as peripécias dessas famosas viagens que até deram para filmes.

*Depois de passar as passas do Algarve*, conseguiu tra-balho e “papéis” num bairro da cidade de Paris, ganhando um salário regular. Porém, não pensava em amealhar. Para quê? Que lhe importavam as terras? Era preciso suar as estopinhas para tirar delas uns alqueires de pão. O pai que as tratasse, se



quisesse. A grande cidade oferecia-lhe tantos atractivos que não precisava de mais nada. A vida era para ser gozada! Ainda escrevera umas cartas aos pais e à Maria mas foram escasseando cada vez mais, até que já nem se lembrava de escrever.

O namoro com a Maria eram águas passadas. Já não sentia qualquer saudade, nem respondeu a algumas cartas que ainda recebeu da rapariga. Atordoado pela vida da grande metrópole, já nem pela ideia lhe passava o cantinho transmontano onde tinha nascido. Nem quando teve “vacances” lhe apeteceu ir à terra! Assim lhe iam correndo os dias ...meses...uns anos...até que...

Numa noite de Natal, o Manuel, depois de ter passado uma parte da noite bebendo e gozando por bares e cabarés, recolheu ao seu quarto alugado.

Deitou-se meio vestido e, sem saber como, veio-lhe à lembrança a Ceia da Consoada, em casa dos pais.

Sim, nessa noite, lá na aldeia, juntavam-se as famí-lias e era uma a alegria. Na sua imaginação, via a mãe, muito corada do lume, com uma toalha de linho atada à cintura, a fazer as bolas doces. Até lhe pareceu sentir no nariz o cheirinho a canela. E o polvo com batatas que ele adorava? Ainda em imaginação, via o pai, ao canto da lareira, a bater com a tenaz de ferro no cepo de carvalho para espevitar o lume.

O seu subconsciente fez-lhe então esta pergunta:

O que estarão a fazer a esta hora os dois velhos?

# Natal

Talvez cada um a seu canto, de lágrima no olho, a pensar nele e no seu regresso?

E o Manuel, que se tinha por muito forte, sentiu que duas grossas lágrimas lhe corriam pelas faces morenas e uma saudade enorme inundou-lhe o peito; saudade que até aí nunca tinha sentido.

Sentou-se na cama. O remorso acordou-lhe a consciência. Não! Não podia continuar assim. Aquele seria o último Natal que passaria sozinho. Sentia-se quase um criminoso.

E o Manuel voltou. Pediu “vacances” para Dezembro, para sentir de novo a doçura do Natal, no aconchego do lar, ao lado da mãe, que, tal como ele sonhara, andava atarefada, de toalha de linho à cintura, a fazer as bolas e do pai que se



sentia rejuvenescer ao ver junto de si aquele filho pródigo, como o do Evangelho.

E, numa linda manhã, os sinos da torre da igreja, tocaram alegres para o casamento do Manuel e da Maria, que, apesar de tudo, nunca o esquecera e confiava no seu regresso.

## eduardo depinho



alma lusitana  
oleo em tela 240 x 120 cm

*Brotam vivências, reinventa impressões. Impregna-as de beleza e de vida e depois deixa-as soltas e livres para serem apreendidas e reapreendidas por todos nós*

*Em romances de espuma corporiza vultos históricos. Traça Camões e Pessoa, imprime páginas do Canto supremo de navegadores*

*Rasga luminosidades e brilhos, gera identidade no universo da sua pintura.*

*A harmonia espacial, conjuga-se com a mestria*

*Maíalda Oleiro*



fernando pessoa - torno-me eles e não eu  
oleo em tela 120 x 80 cm



quem te sagrou criou-te português  
oleo em tela 120 x 80 cm

eduardo depinho  
tel: 079 219 11 73  
email e.depinho@dplanet.ch

# Os Maias, espelho de um tempo

**E**ça de Queirós, cronista de costumes, de instituições, de sociedade, exprime esta e outras realidades em romance que é obra



prima das lusitanas letras e das lusitanas paixões. Percurso por quatro gerações de uma rara qualidade literária, cantando amor proibido.

Romance de fôlego que nos mergulha na torrente dos sentimentos incendiários e devastadores expressa em dois destinos opostos que acabam por se cruzar na errância de duas vidas adultas.

Em *Os Maias*, Lisboa será focalizada mostrando-nos, com nitidez,

as preocupações das famílias de brasões caídos, os divertimentos, as intrigas, as ambições, os desabafos, os escândalos, os locais públicos de encontros e troca de ideias, as feridas secretas por onde pode passar o regresso de uma certa e conhecida Pandora; mulher de múltiplos segredos sobre origem e percurso de vida de gente de pergaminho caída na lama.

A entrada do último quartel do século XIX, há um enorme desencanto pela vida política, tempos não diferentes dos de hoje. Sente-se aproximar, a passos largos, a agonia do regime monárquico. Conspira-se, abrem-se debates, fomentam-se conferências para responsabilizar as forças culpadas pela crise. Socialmente, a nobre-

za e o rei tinham-se esgotado e, na opinião dos mais radicais, com voz sonora no romance, a Pátria só se reencontraria com a sua grandeza se houvesse coragem para meter os responsáveis num barco e corrê-los pela barra do Tejo fora. Portugal era um país exangue e para que pudesse regenerar-se, eventualmente, teria de ser humilhado num confronto bélico.

As rivalidades entre Portugal e Espanha existiam, mas era grande o número dos que tinham visto, na Restauração de 1640, um acontecimento funesto para a União Ibérica.

O Café Central, o Café Martinho sob as arcadas da Praça do Comércio, o Grémio Literário, ou seja, o clube da telenovela *Lusitana Paixão*, o Café Havaneza, espaços públicos como o Rossio e o Aterro, pululavam de indivíduos activos no fomentar de ideias subversivas.

O romance *Os Maias* dá-nos um painel gigantesco deste mundo tão sabiamente arquitectado.

Quando um grande burguês ou aristocrata, com posses, queria ser conhecido na capital, investia numa residência de luxo, mobilava-a com tapeçarias raras e de renome; equipava-a com biblioteca onde predominassem autores franceses; sala de jogos com bilhar e jogo de cartas; salão com uma ou várias pinturas de autores famosos; sofás confortáveis para receber os hóspedes, como se diz hoje, do *Jet Set*; sala de armas; espaço do cultivo do físico e da musculatura; um jardim onde corressem águas vivas...

*O Ramalhete*, pro-



## que se eterniza

priedade de Afonso da Maia, revela gostos e hábitos ao alcance de poucos. Devia ser mais um pólo de apego à cultura, numa cidade carente. Espaço aberto às almas insatisfeitas, enamoradas de ideias republicanas. *O Ramalhete*, sendo residência privada, não deixa de ter o que pode encontrar-se no clube, o *Grémio Literário*. No tecido urbano que defluiu do romance, a Rua de S. Francisco e o *Grémio* ocupam um lugar de proa.

Eça dá a conhecer o *Grémio*, como ninguém. Numa obra trazê-lo para a tessitura discursiva quatro dezenas de vezes é de facto muito.

*Os Mais* foram escritos na década de oitenta do século XIX e publicados em 1888. E se o nosso conhecimento com o Clube fosse feito só pela via do romance, a imagem estaria desfocada, por falta de informações sobre o espírito que presidiu ao seu aparecimento. Contudo, reconhecemos que, em *Os Mais*, há uma série de índices concordantes com o que encontramos nos relatórios de contas – base essencial de um estudo de âmbito universitário: *O Grémio*, nas vésperas do *Ultimatum Inglês*, objecto de palestra na Livraria Camões, promovido pela *Círculo de Leitores*, em Genebra. Grande número de citações diz respeito à atmosfera mal sã aí vivida. São os abutres que da vida alheia se alimentam que dominam o espaço urbano a partir de um centro de intoxicação e de novidades de alcova, não único. Em torno dos bilhares, duas vezes citados, ou sentados nos confortáveis sofás, os frequentadores e amigos têm tempo para *cortar* em vida alheia. O afastamento de muitos sócios do Clube, na década de oitenta do século XIX, não será estranho ao que Eça dá



Lisboa Querosiana – Rossio

a conhecer. Infringia-se os estatutos, quebrava-se o leme no rumo inicial que se traçara, quarenta anos antes, aquando do seu nascimento. Se o subsolo histórico deste tipo de agremiação passava pelo prestígio esclarecido do *são convívio* e paralelamente pela valorização da epistolografia, o *Grémio* tinha espaços privados e confortáveis onde esta actividade era desenvolvida. Numa só citação de *Os Mais*, o *Grémio* é local donde partem mensagens de amor. Se a capa ou o invólucro literário e científico da instituição não são perceptíveis, pelos menos o poeta deixa laivos indeléveis.

Com o tempo, estes passatempos, não contemplados ou excluídos estatutariamente, fazem perder-lhe a inocência inicial. Num só capítulo, o XV, Eça dedica-lhe cinco páginas. O Conde de Gouvarinho, é na Rua de S. Francisco, sede do *Grémio*, que ultima a subida ao poder como Ministro da Marinha e do Ultramar. No seio dele, na reserva ou no activo, encontra-se um alfobre de servidores do Poder e do Regime.

Há duas citações onde o sócio é tocado de soslaio, visto em grupo; nas corridas de cavalos em Belém e no Teatro da Trindade, quando do sarau, em benefício das vítimas das inundações. No *Grémio*, em primeira mão, o sócio tinha acesso ao serviço noticioso que lhe era dado pelo telégrafo, antes que essas informações cor-

## Os Maias, espelho de um tempo que se eterniza



Lisboa

ressem nos jornais diários; um botequim onde beber um grogue dá um pouco mais de calor à existência e, eventualmente, à conversa, um conhaque que permite afogar mágoas e passar em retrospectiva momentos de sonho e de grande paixão; presença do elemento feminino, sempre bem-vinda, como ramo enorme de flores em salão; o local de encontro com o amigo de quem se haviam perdido os traços, nos últimos dias ou nas últimas semanas; o canto mais próximo de uma amada a viver nas proximidades, ou então, onde, em tranquilidade, se escrevem bilhetes pessoais a enviar para morada conveniente. Um espaço urbano enorme, de noite, excepcionalmente iluminado.

Ociosos, como Dâmaso, passam ali momentos preciosos, na coscuvilhice. Um outro aspecto, estranho à pena de Eça, ainda sem acuidade

quando da feitura do romance, é o que dissimula o *Grémio* – casa de jogo, eventualmente, com apostas clandestinas. Realidade, aliás, já bem presente noutros locais do romance.

A temática de *Os Maias* cola à vida mundana da actualidade: amor, paixão, extravagância, ociosidade, luto... Um pai que se suicida na sequência de uma paixão e viúva que desaparece levando consigo os filhos. Na solidão da vida um patriarca viajado e generoso tocado infinitamente pela tristeza e pela dor moral e com uma missão nobre: educar o neto, como

não educou o filho. À volta jovens estudantes que estroinam e bebem; casais em final de corrida, sem qualidade e sem redenção; personagens de passado obscuro e nebuloso; netos tocados por amor incendiário e proibido.

A sombra do passado lançada na torrente de um século pleno de conflitos e transformações revive, hoje, em telenovela que descortina o dia-a-dia de homens e mulheres superficiais, ociosos e inertes, com alguns projectos mas sem força anímica para os concretizar. Homens e mulheres perdidos em conversas vãs, corridas, encontros amorosos, bailes, festas, manigâncias e em jogadas baixas de bastidores.

*Os Maias* é um esplêndido romance que nos abre, em grande, as portas da História viva que o tempo teima em manter abertas.

## Observatório de Genebra



# Um Mundo Contaminado

**O**s trágicos acontecimentos registados nas últimas semanas, com o envenenamento por radiação do antigo agente secreto russo, Alexandre Litvinenko – que vivia exilado no Reino Unido – e sua posterior morte, remetem-nos para **a casa de todos os medos**: um lugar de trevas e ranger de dentes, onde os cabelos só não ficam eriçados porque lhes falta tempo para isso – desaparecem, pura e simplesmente, como aconteceu àquele opositor de Vladimir Putine! O assunto não é para brincadeiras. Porque da manipulação de materiais radioactivos podem surgir tragédias à escala mundial: basta lembrarmo-nos de Hiroxima, Nagasaki, Tchernobyl... para ficarmos com uma nítida ideia do perigo nuclear. E mesmo que a mão invisível de Moscovo não seja responsável pela morte do ex-futuro cidadão britânico – Litvinenko preparava-se para receber, em breve, o passaporte com a cidadania conferida por Sua Magestade a Rainha Isabel II, – não podemos ignorar a gravidade de uma hipotética proliferação de substâncias radioactivas, sobretudo após o desmembramento da antiga URSS. Exemplo disso é o estado de degradação, e todos os riscos daí resultantes, da frota de submarinos nucleares que a Rússia herdou do seu ex-império. Um império de triste memória, repleto de Gulags, onde a vida de um ser humano não valia um miserável rublo!

Mas esta Terra que nos deram para viver é igualmente vítima de uma campanha de destruição não menos violenta que a da prolifera-

ção nuclear. Estarão certos os ecologistas, ao dizerem que a invasão da agricultura mundial pelos produtos transgénéticos americanos pode significar o fim da espécie humana? Como leigo que sou em assuntos da Ciência, ou porque tenho um **espírito santo d'orelha** para captar os ventos que sopram da América do Sr. Bush, prefiro escutar as verdes vozes da ecologia e seu amor por uma natureza saudável, limpa e renovável. Por isso, como e bebo *bio*. Se puder, porque o querer e o poder nem sempre andam de mãos dadas: a carteira divide-os. É, pois, com promessas de maiores rendimentos nas culturas cerealíferas e afins, a eliminação de todo o tipo de pragas nos pomares, vinhas, e prados, além das hormonas milagreiras para porcos, vacas, cabritos e respectivos familiares de quatro patas que os sobrinhos do Tio Sam nos acenam. Deus nos proteja de OGMs e Cristo, *profeta do seu tempo*, ilumine os pobres lavradores para não caírem na tentação do dinheiro fácil!

De moléstias anda o mundo cheio, e quanto mais se avança em tecnologias, menos tempo sobeja para nos ocuparmos da sociedade. Nos vertiginosos tempos que



## Um Mundo Contaminado

empurram o ser humano para o desconhecido – vítima de uma desmesurada ânsia pelo domínio de todas as forças que o rodeiam – sem mesmo ter tempo para reflectir sobre a felicidade a que tem direito, o homem dirige-se a passos largos para a sua própria destruição. E nesse inconsciente caminhar, perdidos norte e sul, acaba por encontrar-se perante um abismo de dúvidas a cortarem-lhe a viagem... Quer voltar para trás, mas não encontra forças suficientes. Então, sentado numa pedra adormecida à beira da **Estrada da Vida**, espraia a vista e tenta adivinhar, perdida na distância que os separa, a terra donde partiu. E que vê? Milhões de outros seres seus semelhantes; alguns – como ele – numa frenética corrida rumo a uma meta que nunca encontrarão. Outros, a maioria, a passo lento, porque já partiram cansados.



E uns tantos, que nunca acreditaram em competições ou hierarquias sociais, teimosamente a desbravarem mato numa selva que impiedosamente lhes rouba o direito a sentirem-se em paz com a Humanidade. Por fim, os ignorados: estendidos ao longo do caminho, mortos, feridos ou estropiados, todos aqueles cujo infortúnio não comoveu a sociedade elitista que os viu nascer, crescer e morrer sem nunca lhes ter dado a mão.

Apesar de desiludido com o actual rumo do Mundo, ainda acredito no triunfo do bom-senso, por isso brindo ao Novo Ano de 2007 que está à porta: Paz e amor para toda a Humanidade!



**HORA LUSITANA**

*A sua emissão de rádio  
em português*

**NOVO HORÁRIO**

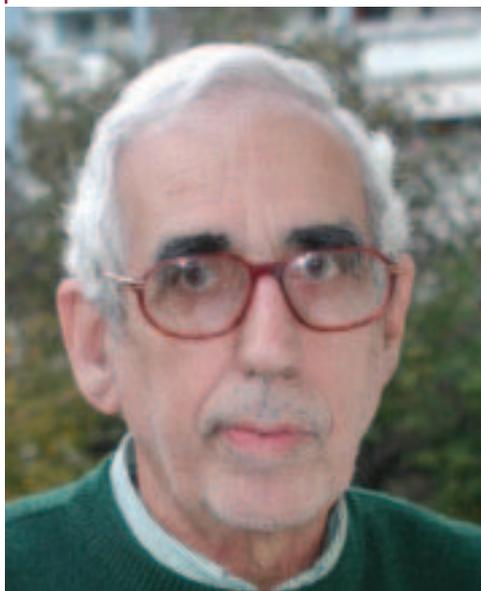
*Sábados e Domingos*

**17h / 18.30h**

*Genève, 92.2 FM  
cabo 98.6*

Case postale 1111 • 1211 Genève 1  
Tel: 022 309 09 58 / 022 309 09 59  
horalusitana@radiocite.ch

### Luiz-Manuel - escritor e poeta



*“Cherchant une formule pour illustrer ce style, cette voix, j’hésitais entre doux-amer et aigre-doux (l’ironie mêlée à la douceur) mais aucun de ces vocables ne convient. Nulle amertume, nulle aigreur chez ce poète lucide.*

*Et c’est là que sweet and sour m’est venu (pour un traducteur, pourquoi pas cette légère entorse langagière?).*

*Le suave et l’acide, juste quelques gouttes de citron, un zeste de piquant pour assaisonner la tendre humanité de cette Théorie...” Claire Krähenbühl*

Lucidez, Ironia, perspicácia, afabilidade e muita, muita humanidade são alguns dos traços que marcam a personalidade deste homem que *“revindique l’azur, rêve d’insoumission et tend ses pièges à hirondelles”*

Luiz-Manuel, nasceu na Marinha Grande, vive na Suíça desde 1962 na região de Lausanne. Escritor e poeta. A sua obra literária encontra-se escrita em português, grego, francês e russo. Paralelamente mantém a actividade de tradutor votada essencialmente a obras poéticas.

Veio para a Suíça há 40 anos. Houve uma razão especial para isso?

A razão é que já tinha sido preso duas vezes, no anterior Regime. A primeira vez foi no trabalho, a segunda... já foi muito mais dura tanto do ponto de vista físico como mental. No entanto também já tinha vontade de sair de Portugal e, por coincidência, tinha uns amigos suíços que me propuseram vir: *“vem para aqui que nós arranjam-te trabalho”!*

As reclusões, ou as prisões, deveram-se a ter feito uma vida de oposição política ao Regime?

Não, não é verdade e isso até foi uma das razões que me fizeram emigrar; é que já não havia escolha: ou me lançava na vida política, ou não. Tinha sim uma vida cultural activa, mas política não. Só não podemos esquecer que, naquela época, a Marinha Grande era um meio muito vigiado do ponto de vista político e nada se podia fazer ali sem estar constantemente sob vigilância.

É claro que participei em programas culturais no tempo da Ditadura mas só por razões culturais, no entanto, achavam que destabilizava a política reinante por, casualmente, me encontrar em meios onde a oposição ao Regime estar subjacente; mas, o facto, é que muitas vezes nem dava por essa coexistência.

Chegado à Suíça, foi fácil entrar nos círculos culturais? O chamado “meio intelectual” abriu-lhe as portas?

Isso levou muito tempo. Naquela altura havia aqui poucos portugueses, mas existiam já uns grupos de suíços que desenvolviam actividades contra a Ditadura portuguesa. Integrei esses grupos sem que, por sua vez, eles, estivessem ligados ao mundo literário. Como disse atrás isso viria mais tarde.

Quantas obras tem publicadas?

Assinadas tenho onze, sem contar com as traduções.

### Luiz-Manuel - escritor e poeta

Escreve sempre ou a maior parte das vezes, em francês?

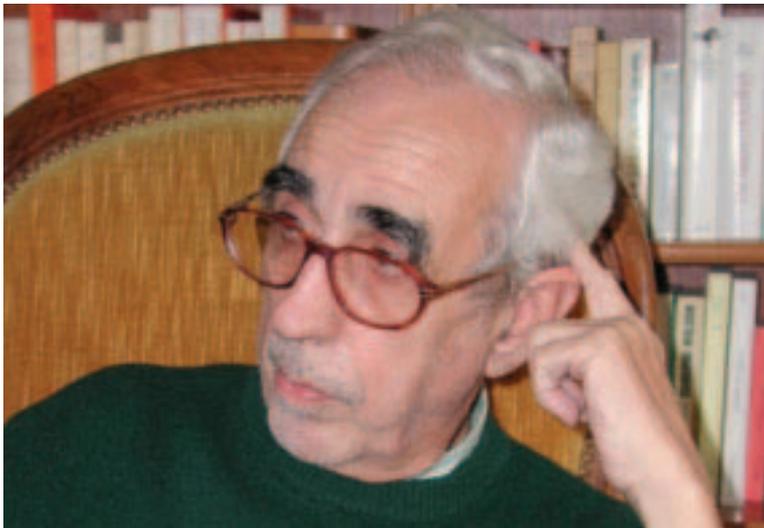
Sim, dos onze livros, só há três em português e um bilingue.

O público suíço lê e compra os seus livros? Recebe críticas indicadoras de tal?

A maioria dos livros estão esgotados, o que significa que foram adquiridos. Por outro lado há sempre “retours” do público.

Também há amizades literárias; às vezes até falo no “coup de foudre littéraire” que se vão concretizar em muitas interações.

Posso mostra-lhe vários testemunhos e é extraordinário, para mim, suscitar isso nos leitores. Olhe por exemplo esta leitora, Joëlle Sagolle, que é uma romancista, uma criadora, fez esta dedicatória numa obra sua: “À Luiz-Manuel, toi, le poète, que m’a inspirée ce livre – Merci”.



A Joëlle Sagolle começou a escrever recentemente e, de uma vez só, publicaram-lhe quatro obras. Creio que a minha obra, à qual se referia, é: *La poussière et les fleuves*, editado em 1986 e que, parcialmente, já se encontra, traduzido em russo.

Mas há outras interações, nomeadamente com amigos gregos e nada fazia prever isso. Uma

amiga minha que me traduziu mas que simultaneamente, só pela troca de impressões e análises, também traduziu e publicou em Atenas textos de 30 poetas da Suíça Romanda.

E a escolha desses poetas foi feita por quem?

A escolha foi feita por mim e pela Mousse Boulanger. Escolhemos os textos, os poetas... E ela não só traduziu como financiou a publicação com os honorários da tradução.

Aqui, na Suíça, não dá para se viver só da literatura, pois não?

Que eu saiba ninguém vive só de literatura e olhe que não é só aqui, em França também. O número de autores que podemos considerar de profissionais da escrita é muito limitado.

O que quer dizer que o Luiz – Manuel teve ou tem uma ocupação profissional...

Sim, tive várias profissões, tal como outros, uns são professores outros jornalistas...

Este livro que vai, agora editar, *Théorie du Phare* cremos que é em prosa poética...

É prosa poética, sim.

Para escrevê-lo baseou-se em quê? Onde foi inspirar-se? Nos belos faróis da costa portuguesa?

Bem, é uma invenção literária ligada à adolescência. A fotografia da capa até é do farol de São Pedro de Moel que está implantado no Penedo da Saudade. Tem uma introdução relacionada com o farol. Isto porque durante a minha adolescência, quando terminava o trabalho às 5 horas, ia para a beira-mar que distava 7 ou 8 Km - São Pedro de Moel pertence à Marinha Grande - e ficava ali à beira do farol, nos penedos, horas a ver o mar.

Só na contemplação? Não escrevia?

Naquela altura não escrevia; mas foi a partir dessas recordações de adolescência que construí uma ficção.

É fácil transmitir as vivências, os sentimentos, as emoções de uma juventude em Portugal, “vvidas em português”, digamos, a um público que as vai ler e perceberá-las em francês?

De uma certa forma é engraçado, mas convenhamos que não é uma ficção realista. O contexto, o tempo, espaço são-no; o desenvolvimento, digamos assim, é ficcionado; logo abre mais possibilidades aos leitores da outra língua de intuírem melhor a mensagem.

*‘Ange du bizarre, ce narrateur? Pourquoi pas! Un poème de Fractales et replis n’a-t-il por titre l’ange du chaos? On trouvait déjà dans ce recueil des textes aux alliages peu communs, étrangement chaotiques, où la thermodynamique et les turbulences des particules côtoyaient l’abeille vespérale et la poule au port. Dans ce chaudron-ci mijote à nouveau un drôle de mélange: une philosophie un peu noire, une pointe de saudade, beaucoup de matière prosaïque, des élans lyriques, le tout épicé d’humour, d’ironie même, saupoudré de tendresse, sentiment qu’affectionne particulièrement le gardien (et le narrateur qui a les pieds sur la falaise at la tête dans l’azur). Claire Krähenbühl*

**Onde vai ser apresentado o “Théorie du phare”?**

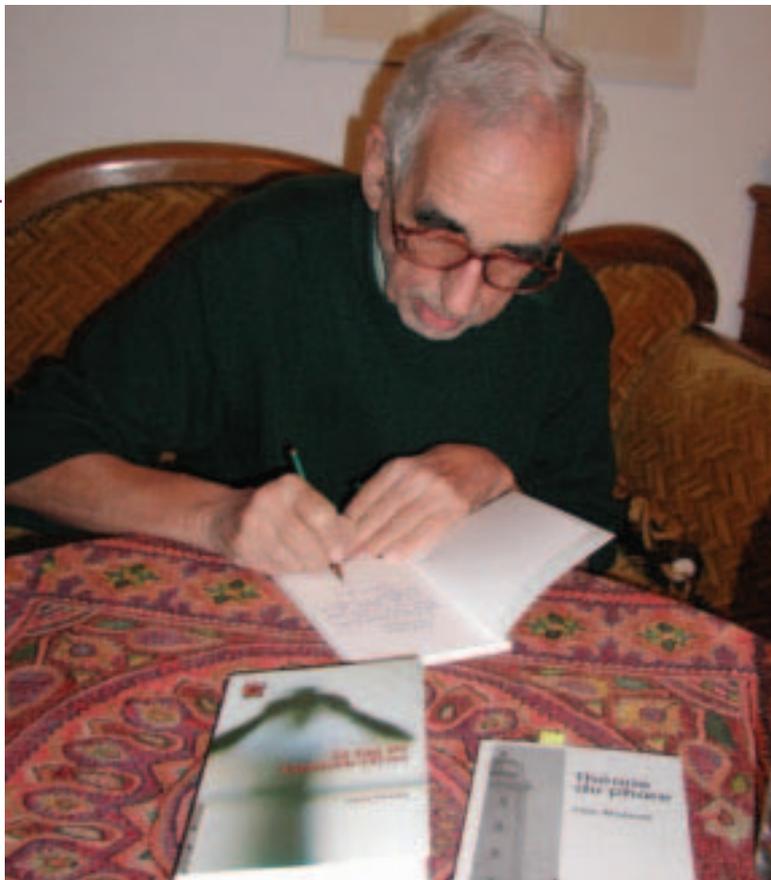
A biblioteca intercultural Globlivre vai servir de espaço para esta apresentação. É interessante essa biblioteca porque tem um Centro de Línguas, bem representativo em livros e muitas actividades culturais.

Não esqueçamos que mais de 50% da população de Renens é estrangeira e, a nível das escolas, a percentagem aumenta, creio que para 60%.

**Isso contribui para que o Luiz-Manuel esteja sempre implicado em acontecimentos literários, dinamizações culturais... nas associações... Esta comunidade portuguesa está sempre activa.**

Sim, pelo menos do meu lado, isso verifica-se, mas não só. Também estou implicado no associativismo suíço, sempre estive, portanto, não é só de agora; mas, ao mesmo tempo temos sempre a tendência de escolher projectos que sejam interculturais; Não só em relação à Suíça mas a outras nacionalidades.

**Aqui há tempos tivemos acesso a um prospecto**



**que publicitava actividades multiculturais, entre vários países, e cremos que se intitulava...**

Ah...! “Les Passeurs de la Culture”!

**Quem são os “Passeurs de la Culture”?**

Bem, não fui eu que traduzi, mas creio que querem dizer: *Passadores*, eu diria que são uma *Ponte* entre as várias culturas. A Globlivres e a FAPS – com as quais colaboro – colaboram, por sua vez, também nesse projecto.

Eles começaram com a comunidade Tamul, dando conferências e apresentando várias actividades, depois passaram à comunidade Albanesa e agora têm projectos para a comunidade Lusófona. Isso acarreta encontros vários e temas que vão desde a literatura, às tradições, filmologia, expressão artística, culinária, lançamento de livros... São projectos interculturais e, como tal, beneficiam de subsídios da Comissão Cultural de Estrangeiros, mas não só, como parte das actividades se realizam em Lausanne, têm subsídios dessa Comuna.

**Com todas essas actividades, o seu dia-a-dia, actualmente, não se preenche só com a escrita, é isso?**

Eu já estou reformado desde o 1º dia do século XXI, mas continuo muito implicado em actividades da vida associativa tanto da suíça como da portuguesa. Neste momento sou tesoureiro e faço a contabilidade do Fórum das Associações Socioculturais de Renens e a contabilidade da associação “Les Amis de Marguerite Burnat –

### Luiz-Manuel - escritor e poeta

Provins” (Marguerite era uma escritora e pintora de origem belga, (nasceu em Arras a 26 de Junho de 1872), casou na Suíça – na região do Valais – foi depois para França – Grasse, no Midi – onde viveu até 1952, ano da sua morte). Estou a traduzir alguns poemas de amor dela porque a associação vai festejar 20 anos em 2008 e vamos fazer algumas leituras da sua obra em quatro línguas: francês, português, italiano e grego.

Na Federação das Associações Portuguesas na Suíça (FAPS) tenho uma actividade importante,

bem como na Globlivre como frisei atrás.

Faço a contabilidade desta empresa, vizinha do meu prédio e além disso tenho a actividade de tradutor.

Como sabem a tradução jurídica é muito cara em português. Em 2001 levavam 100 francos por página. Então a FAPS,

vendo isso, criou um serviço de tradução a preços mais baixos.

Actualmente, temos os preços que eram praticados em 1966, em Lausanne.

**Vive só ou com família?**

Eu fui casado com uma valaisanne (já faleceu) de quem tenho um filho que vive aqui em Renens. Actualmente, vivo com uma companheira, também suíça.

**O seu modo de ser, de agir socialmente é mais português ou helvético?**

Se bem que me entrego de alma e coração nas actividades de e para a comunidade portuguesa, ajo, mentalmente à suíça.

Estive 12 anos sem ir a Portugal. Só voltei lá em 74. Cheguei aqui em 62 e nos anos sessenta, princípios de setenta, não havia muita gente a falar português. É evidente que mergulhei na sociedade suíça deliberadamente porque, quando saí de Portugal, estava convicto de que nunca mais voltava. Em 62 o Regime, a Ditadura, parecia de pedra e cal, inamovível, daí a resolução: “nunca mais cá venho” e, para ganhar as raízes que perdia, lá em baixo, cimentei-as aqui.

**E o que sentiu quando chegou a Portugal em 74?**

Foi uma fonte de perturbação, levou-me muito tempo a que as coisas me entrassem e ficassem claras, porque já não sabia de que lado era. Isso levou dois anos a decantar, agora já não se põe o problema. É claro que pertença a duas sociedades, duas culturas, duas línguas e dois países. Quando rebentou a Revolução dos Cravos, eu tinha pedido a nacionalidade suíça o que me fez questionar: paro com isso, ou não?. É claro que não, o que me podia acontecer de pior era que houvesse uma guerra entre Portugal e a Suíça. Ora, historicamente, não é provável. Portugal também é garante da neutralidade Suíça, pelo Tratado de Paris de 1815...

**Voltando aos livros. Vai continuar a escrever? A arranjar tempo para a literatura?**

Eu, neste momento, estou a trabalhar em três manuscritos: dois em francês e um em português. Eu estou sempre a escrever e ponho de lado, na gaveta, que no meu caso é uma mala (risos). Quando tenho tempo e vejo uma linha, uma ideia, que reúne certos elementos, vou buscar os textos já escritos e construo o livro.

Esse, que tem aí – Fugato – levou-me 8 ou 9 anos a acabar. Não passava, estava a bloquear-me... imagine que a editora já me tinha dito que o publicava em 1999, porque já tinha lido três ou quatro páginas. O ano passado reforçou a proposta:





- Se não é agora em 2006, depois já não lho publico, porque tenho programa até 2009. Aí, é que fui obrigado, de facto, a acabá-lo!

O que está a escrever em português, também se reporta a vivências de Portugal?

Sim e não. Ainda pode, porque tem algo a ver com a vida sentimental portuguesa em relação ao passado, mas não está totalmente estruturado. Dos outros dois: um é mais abstracto, o outro talvez nunca tenha um editor.

Porquê?

Porque é algo especial. O tema é robótica, com máquinas, robôs, e um enredo pelo meio. Uma posição entre o robô e o humano com uma queda, um “chuto”, que vai dar a explicação desse trama. E digo que provavelmente nunca terá editor porque sabe que há muita coisa que fica sem publicação.

Por exemplo, desde os anos sessenta, tenho 300 páginas traduzidas do José gomes Ferreira que nunca consegui editar, em francês, apesar de as ter proposto várias vezes, em França.

Não sei se aqui se passa o mesmo, mas em Portugal, deixam grandes obras na lista de espera das editoras e avançam com banalidades, literatura de consumo imediato. Pensam, talvez, que o público se cansa de ler, de analisar... e aposta-se no “fast food” literário.

Em França também, se bem que os franceses tenham, de certo modo, perdido a ocasião de editar

essa literatura cor-de-rosa, digamos, mas há os canadianos e os americanos que editam imenso dessa literatura.

A literatura também é uma moda, não acha?

Sim, de facto. E foi sempre assim. Olhe, há 20 ou 30 anos atrás, Delly (pseudónimo de Frédéric Petitjean de la Rosière, 1876/1949) tinha deixado os direitos de autor a uma sociedade francesa e 30 anos depois ainda rendia 300.000 francos anuais. Delly, agora, já não é editado porque tem um teor anti-semita e anti-alemão, às vezes. Mas essas colecções cor-de-rosa, do Arlequin por exemplo, são mais modernas. Lembrei-me do Delly porque no final do livro, o herói, dava, no máximo, um beijo no cabelo à amada e hoje... !!!

A tradução continua a tomar-lhe grande parte do seu tempo?

Sempre que possível traduzo em francês ou em português. Apresentei 25 poetas da Suíça Romanda, em português, num Semanário. Sabe que durante anos recusava ler poesia e há dez anos atrás comecei. Tenho lido e apresentado muitos poetas portugueses.

Mas isso é um excelente achado para os autores. Terem a oportunidade de a sua obra ser apresentada por quem conhece e vivencia as duas culturas, fala as duas línguas... os termos e as ideias fluem espontaneamente...

O que eu tenho pena é não ter tido encontrado, aqui, um suporte mediático, que permitisse fazer

### Luiz-Manuel - escritor e poeta

o mesmo que eu fiz aos suíços. É raríssimo, só duas ou três vezes tive ocasião de colocar umas traduções... uns textos... Era um projecto que tinha mas nunca consegui concretizá-lo.

Como tradutor de poesia sempre trabalhei gratuitamente. E da única vez que fui pago, reinvesti esse dinheiro na edição propriamente dita, do livro.

Como sabe, tanto os portugueses como os suíços, dão subsídios para a tradução, mas não para a edição. E isso impede, muitas vezes, de ir mais longe. Casos como o da minha tradutora de grego, que já traduziu uma centena de páginas de 30 autores e recebeu um subsídio, mas depois pôs a totalidade desse dinheiro na edição.

**Mas, por que razão só subsidiam a tradução?**

Porque, dizem: se há uma proposta de tradução é porque há um mercado para a edição. Ora é um erro total do ponto de vista do marketing. Está completamente errada essa visão.

Porque os tradutores são os tais "Passeurs" da cultura, mas a edição é uma outra coisa. Veja-se, num país como Portugal pouca coisa tem de autores suíços e aqui, na Suíça, de autores portugueses e espanhóis não há quase nada publicado.

**O tradutor, neste caso o Luiz-Manuel, quando traduz uma obra, o livro também faz parte de si, ou o tradutor é um fingidor e segue o que está expresso no texto original?**

(risos) Isso é o problema de sempre dos tradutores. Por mim, ao abordar um livro para traduzir, defino objectivos: chegar ao texto, na língua pretendida (de chegada), que apareça ao leitor desprevenido, como texto escrito na língua que ele fala, na que ele está a ler.

Há outros objectivos, cada um com seus argumentos, mas eu baseio-me nesse. O que significa que quando se traduz poesia, há sempre uma "espécie de guerra" entre o autor e o tradutor.

O tradutor não se pode substituir ao autor mas,

muitas vezes, é obrigado a "traí-lo" para o melhor servir na língua em que vai ser lido, naquele país. A pior coisa que pode acontecer a um tradutor é ter um autor que sabe umas coisas da língua alvo. Aí vão-se criar conflitos.

Isso acontece-me nos dois sentidos. Quando traduzo em francês ou quando o faço em português. E acontece-me também traduzir-me a mim próprio, com os meus livros bilingues.

Aí eu direi que não foram traduzidos, foram reescritos noutra língua.

Esse livro, "*La poussière et les fleuves*", por exemplo, tinha 90% de textos originais em francês e 10% de originais, em português; foi reescrito, mas aí, evidentemente, estou muito mais à vontade com o escritor (risos).

**Então traduzir não é um acto inóquo?**

Claro que traduzir não é um acto anódino, nem inóquo ou neutro. O tradutor tem que se implicar – o que, em meu entender, não é consensual para todos – no texto que vai apresentar naquela língua. Há pessoas que apresentam a tradução da poesia em prosa devido às dificuldades que sentem com as rimas, com as métricas específicas



Apresentação, na Globlivre, do livro *Théorie du phare*

O tradutor está sempre como: “entre Le clown et Margot”; muito atento a não tomar demasiadas liberdades com o texto original; não pode substituir-se inteiramente ao autor.

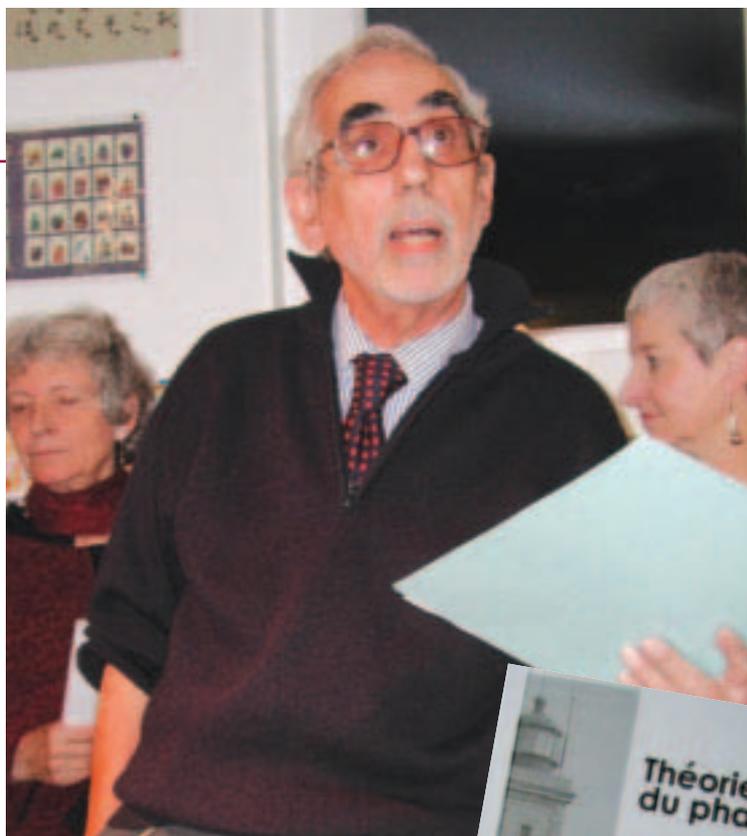
*Letra a letra / Sílabas a sílabas*

*Hei-de navegar contra a corrente / Das palavras / Até achar-lhes a nascente*

in Fugato, Luiz-Manuel

### Cronologia literária sumária

- 1970 – Tradução do português, em colaboração com Anne Perrier mais prefácio: *Lusiade Exile*, poemas de Manuel Alegre, Ed. P. Seghers, Paris.
- 1979 – Poesia em francês: *L'Oracle des Tenebres*, seguido de *Lycanthropies*.
- 1981 – Tradução do português (Brasil): *Branca Dias ou La Sainte Enquete*.
- 1984 – Poesia em francês: *L'Eté Du Monde*.
- 1986 – Poesia em francês: *La Pussiere et Les Fleuves*.
- 1989 – Poesia em português: *O Pérfido Martelo da Memória*.
- 1990/1997 – Traduções em português a partir do



francês e do italiano: fichas bibliográficas sucintas sobre 25 poetas da Suíça Romanda e do Ticino.

1995 – Poesia bilingue (francês-português): *Fractales & Replis / Recuos & Fractais*.

1998 – Tradução do português: *Silabário*, livro bilingue.

2001 – Poesia em português: *Maquinais*.

2001 – Poesia traduzida em russo: Poemas escolhidos (publicação em Moscovo)

2003 – Poesia em francês a três vozes e tradução em português: *Fugato* (versão trilingue: francês, italiano e português) em colaboração com Claire Krähenbühl e Denise Mützenber. Versão italiana das poetisas do Ticino, Solvejg Albeverio Manzoni, Ketty Fusco e Carla Ragni. Livro traduzido em grego por Victoria Theodorou e Irene Spanoudakis.

2003 – Poesia bilingue francês – português: *Ici, L'Ailleurs*, caderno nº44 do CTL (Centro de tradução Literária da Universidade de Lausanne).

2004 – Poesia bilingue (français-italien): oito poemas traduzidos do francês por Carla Ragni, na revista milanese *Il Monte Analogo*, nº2, Novembro de 2004.

2005 – Poesia traduzida em grego: *Fugato*, tradução de Victoria Theodorou e Irene Spanoudaki.

2006 – Prosa poética: *Théorie du phare*, Ed. Samizdat, Genève.



Luz Neto e António Pinheiro

### ACNUR

Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

### António Guterres - Alto Comissário

**O** Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados organizou um encontro, na sua sede, em Genebra, com representantes da comunidade portuguesa a fim de dar a conhecer os objectivos e planos de acção desta Organização Internacional.



António Guterres, Alto Comissário da ACNUR assim o referiu: “O ACNUR é uma Agência das Nações Unidas onde trabalham cerca de 6.000 pessoas, em 120 países. e temos sob o nosso mandato directo o apoio, a assistência, a um número que se cifra em oito milhões e meio de refugiados; mas não apenas refugiados, também pessoas internamente deslocadas, cuja assistência, cuja protecção, cujo regresso – quando esse regresso é possível –, procuramos dar todo nosso apoio.

Deslocados internos são, neste momento, 25 milhões no mundo. Estão também sob o nosso

mandato pessoas sem pátria, os apátridas. Quando os impérios se desagregam, como aconteceu com a União Soviética, ficam sempre uns milhões de pessoas que não pertencem a nenhuma das repúblicas que daí resultaram; e ficam sem nacionalidade. É o caso dos etnicamente russos na Letónia, na Estónia, é o caso das populações que ficaram fora das repúblicas de onde eram originárias e não reconhecidas nem por uma nem por outra – um pouco por toda a parte acontece isso, também na antiga Jugoslávia. E essas situações, extremamente difíceis, são de pessoas que não têm existência legal, e exigem uma protecção, antes de resolver o problema, para garantir que ele seja resolvido. E, finalmente, temos ainda uma acção directa com aqueles que, tendo sido refugiados, regressam aos países de origem e têm enormes dificuldades de integração e precisam de ajuda para que essa integração se possa realizar.

Naturalmente não somos capazes de cobrir todos aqueles que estão em qualquer destas quatro categorias; mas a nossa acção, neste momento, orienta-se em termos que nos permite dar assistência a 20 milhões de pessoas em todo o mundo. São pessoas a quem nós, directa ou indirectamente, prestamos apoio; e em termos do aspecto central do nosso mandato, os refugiados, ocupam a posição mais relevante (...). Neste momento, gostaria de vos indicar as quatro principais questões que se colocam à nossa Organização: a primeira tem a ver com a dificuldade em preservar o asilo no mundo em que a intolerância cresce – tiveram recentemente um referendo na Suíça acerca dos problemas de imigração. Verificaram a maioria extremamente relevante, que se manifestou nesse referendo;



O Alto Comissário António Guterres com as crianças deslocadas no campo de Riyad-Darfur (Sudão)

quando olhamos um pouco para o que se passa em França, na Inglaterra, na Holanda, na Dinamarca e em vários países europeus verificamos que cada vez é mais difícil o relacionamento das pessoas da comunidade nacional com os estrangeiros que entretanto vieram, para esses mesmos países. E é um problema que tem duas facetas: tanto tem a ver com o acolhimento, a recepção, a solidariedade por parte da comunidade nacional de que estamos a falar, como também tem a ver com as atitudes daqueles que se deslocaram para esses países.

Temos dados que chegam de Lampedusa, das Canárias... nós vemos muita gente que: ou porque são refugiados, ou porque são mulheres vítimas de tráfico, ou porque são crianças não acompanhadas, têm necessidade de protecção – para além de muitos outros emigrantes – que não estando cobertos pelas provisões de protecção definidas pelas Leis de Protecção Internacional, têm, no entanto, os seus direitos, a sua vida e a sua dignidade que devem ser respeitados.

Ora bem. Este é um desafio muito grave para nós e que nos obriga a uma acção pedagógica muito intensa, envolvendo os Governos, a sociedade civil, os meios de comunicação social, em defesa do princípio da tolerância.

Todas as sociedades tendem a ser multiétnicas, multiculturais, multireligiosas e, ou as pessoas aprendem a viver umas com as outras, a respeitarem-se umas às outras, ou as sociedades não têm outra hipótese de se desenvolverem normalmente. É a sua coesão social que é posta em

causa, é a paz no mundo que é posta em causa. Nas diversas situações, naturalmente, as primeiras vítimas de tudo isso são aqueles que, como refugiados, encontram as maiores dificuldades em ter acesso à protecção a que têm direito.

O segundo desafio muito importante que nós temos é o das pessoas internamente deslocadas. Se alguém que é perseguido politicamente, se alguém que vive num país que está em guerra civil, atravessa a fronteira e pede asilo, essa pessoa tem uma Lei Internacional que a protege – a Convenção de 1951 que é ratificada pela esmagadora maioria dos Estados –. Tem, além disso, uma Organização Internacional, o ACNUR, que é suposto exercer a sua actividade no sentido de garantir que essa protecção seja dada, que a assistência de que necessita possa ser provida e que uma solução para a sua vida possa ser encontrada. Mas se a pessoa não atravessa a fronteira, se a pessoa foge do Norte do país para o Sul, não tem Lei Internacional que a proteja. Está sujeita à protecção do próprio Estado e muitas vezes o Estado e o Governo desse Estado não é a parte da solução, é a parte do problema (todos têm visto o que se passa no Darfur. Aquelas pessoas que ali estão, naqueles campos de deslocados internamente estão permanentemente atacadas pelos rebeldes e, muitas vezes, pelo próprio exército sudanês, em circunstâncias que nem sempre são perfeitamente claras. Há uma certa dificuldade em saber, exactamente, o que se passa e tudo isso cria um enorme problema à Comunidade Internacional

## ACNUR

### Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

e em particular às Agências Internacionais para poderem exercer a sua acção e um grande desafio para nós: como acudir a essa gente? (...)

Um exemplo recente – Timor Leste – em que, como viram, muita gente teve que fugir, muita gente teve que ficar abrigada de uma forma perfeitamente precária; mas não são refugiados, não atravessaram a fronteira, não têm direito a formas de protecção especiais e portanto têm que ser – em bom diálogo com o Poder Local – apoiadas pela Comunidade Internacional.

Um terceiro desafio, para nós muito importante – como país de emigração que somos, esta comunidade, na Suíça, compreenderá a importância deste desafio, pelo facto de haver cada vez mais relação entre o asilo e a emigração – cada vez mais, ser necessário defender os Direitos Humanos: o direito à vida, o direito ao respeito pela sua dignidade... mas simultaneamente, dentro deste fluxo de população, garantir que as pessoas que têm necessidade de protecção a verem, efectivamente, consagrada.

Portugal teve, aliás, ocasião, recentemente, de prestar o seu apoio a movimentos da Comunidade Internacional aceitando a reinstalação de um grupo de cidadãos, quer da Costa do Marfim, quer de países africanos que, na sequência dos incidentes de Soutella e Melila ficaram em Marrocos, que eram refugiados, ou foram reconhecidos com tal, quer um grupo de eritreus a quem foi possível resolver o seu problema, encontrando-lhes lugar em vários países europeus entre os quais Portugal – o regresso à Eritreia seria para eles um risco enorme.

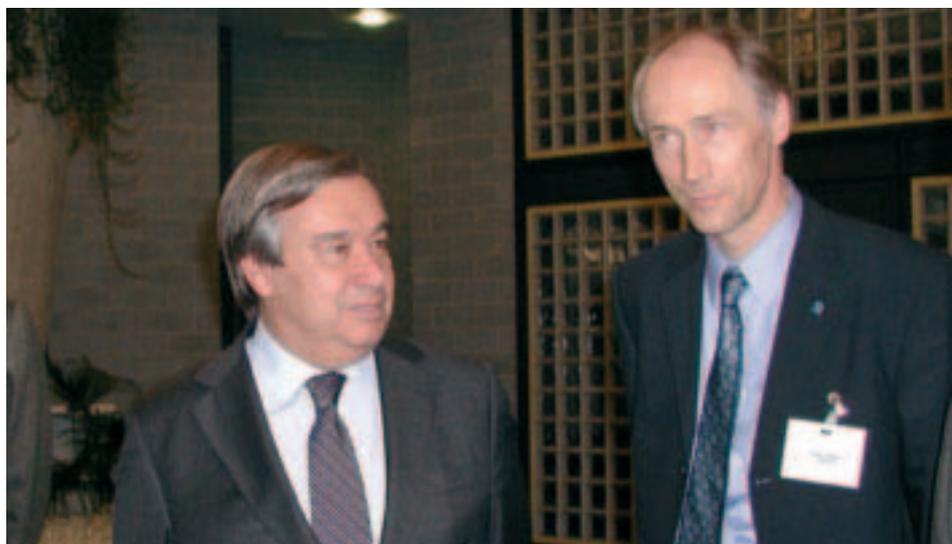
E penso que nós, que estamos a transformar-nos num país de imigração, temos um conjunto de responsabilidades em garantir que essa imigração seja feita nas mesmas condições de dignidade que nós desejaríamos que pudessem ter tido muitos dos nossos emigrantes, que tiveram que sair clandestinamente, em circunstâncias dramáticas, nos anos sessenta.

Pois bem, hoje, temos obrigação de procurar evitar esse drama àqueles que procuram Portugal, dentro das possibilidades de acolhimento do país (...).

E um dos desafios que se põe ao ACNUR é ajudar os Estados a encontrar as ferramentas, os mecanismos que permitam garantir que essas acções se resolvam.

Depois outro desafio. De Outubro a Outubro um milhão e cem mil pessoas regressou a casa, antigos refugiados regressaram (mais de 10% da população mundial refugiada – isto é um êxodo extraordinário). O desafio e o problema é saber em que condições elas regressam. Nós procuramos tudo fazer para que regressem em dignidade, mas o pior ainda é saber o que vai acontecer no dia a seguir.

Quando as pessoas regressam ao Sul do Sudão, onde havia 14 Km de estrada alcatroada numa



António Guterres e Dr. Hans Lunshof, delegado da UNHCR para a Suíça e Liechtenstein



Sede da ACNUR/UNHUCR em Genebra

área que é maior que Portugal, a Espanha e a França juntos; quando as pessoas regressam à Libéria onde o orçamento anual é de 80 milhões de dólares, onde um professor ganha 20 dólares por mês, onde há menos de 40 médicos (neste momento); quando as pessoas regressam ao Afeganistão onde até a própria segurança está gravemente posta em causa... Como é possível apoiá-las? Como garantir que o seu futuro esteja assegurado?

E há uma coisa que a Comunidade Internacional não sabe fazer. A Comunidade Internacional sabe prestar ajuda de emergência em situações de catástrofe, sabe, ou pensa que sabe, dar apoio ao desenvolvimento em condições de estabilidade, mas, na transição, entre uma coisa e outra, não sabe bem as acções necessárias a tomar, cujo impacto imediato seria indispensável... chegam tarde de mais. Há inúmeras regras, inúmeras condições que têm que ser preenchidas para que um Estado, finalmente, receba apoio e, por vezes, há problemas de corrupção, de mau Governo em relação aos Estados incipientes, onde as dificuldades se acentuam ainda mais. E aqueles que regressam nestas condições têm enormes dificuldades no seu futuro.

E é em relação a todas estas áreas que nós procuramos, dar apoio.

Neste momento temos várias em cima da mesa. Posso dar-lhes 3 ou 4 exemplos – assistiram pela televisão, seguramente a recentes ataques no Tchad. O Tchad é o país ao lado de Darfur. A situação no Darfur extravasou para o Tchad e mais de 200 aldeias foram atacadas por rebeldes que causaram a deslocação, dentro do Tchad, de mais de 50.000 pessoas.

Essas pessoas precisam de ser protegidas, requerem a nossa assistência.

Hoje há cerca de 3.000 iraquianos que, por dia, saem do Iraque para os países à volta e muitos deles, naturalmente, ao fim de algum tempo, não têm recursos. Têm que ser apoiados.

Tivemos no Quênia no campo de Dadaab – onde cerca de 50.000 somalis estão refugiados – inundações que atingiram de forma trágica dezenas de milhares de pessoas (...)

Mas além destas situações de emergência a que procuramos acorrer, naturalmente que estas questões de fundo: como atacar as questões dos deslocados internos? Como garantir a protecção a estes fluxos mistos de emigração? Como assegurar que o retorno tenha futuro e não seja apenas uma etapa transitória para um novo deslocamento? Para uma nova fuga por falta de mínimos de condições de vida?, são desafios permanentes, muito complexos, para nós.

Nisto, nós temos a solidariedade dos Estados... um orçamento, cerca de cem milhões de dólares e contribuições importantes de muitos países que são inteiramente solidários, que fazem o *grosso* do nosso apoio. Mas há também uma crescente solidariedade do sector privado e das empresas .

Em Portugal tivemos alguns actos muito interessantes no último ano. Tivemos uma contribuição relevante da Fundação Gulbenkian, para Timor; tivemos do Rally Lisboa – Dakar uma contribuição significativa e tivemos recentemente uma campanha do cartão de crédito do Millennium – BCP, que foi muito relevante para apoio à nossa actividade.

## ACNUR

### Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

Mas além das empresas, há cada vez mais cidadãos que, digamos, nos apoiam, nos ajudam nas mais diversas actividades.

A título de exemplo, nós temos dois projectos que quisemos mostrar hoje.

Um projecto que tem a ver com o ensino de português aos que estão a regressar para Angola, depois de se terem refugiado na Zâmbia e na República Democrática do Congo. Crianças que não sabem falar português, porque estiveram em países onde não se falava e agora regressam e é preciso integrá-las.

O segundo tem a ver com a integração das famílias, na economia, através da agricultura e é essencial manter as condições para que possam desenvolver os seus produtos semeando, desde logo, e em primeiro lugar, e depois terem a possibilidade, com esses mesmos produtos, da sua plena integração na sociedade (...).

Outra área onde temos estado a actuar, como já disse, é Timor Leste e porventura a maior operação que fizemos em países de Língua Portuguesa. Foi realizada, há alguns anos, no apoio ao regresso dos retornados de Moçambique. Um milhão de refugiados regressou a Moçambique em poucos meses, logo que a guerra civil terminou e os Acordos de Paz foram assinados (...).

Esta é uma panorâmica muito rápida da actividade do ACNUR.

São funções extremamente entusiasmantes visto que nós sentimos que tudo o que fazemos cada dia pode ter alguma utilidade directa e pode traduzir-se num benefício concreto para pessoas que, como nós, têm direitos que devem ser respeitados (...).”

O Alto Comissário, António Guterres, respondeu a estas questões da PESSOAS

P – Há quem ponha certas reticências, que se questione mesmo, sobre os donativos para as causas internacionais. Acham que se despende



Chegada de imigrantes a Lampedusa

demasiado com a pesada burocracia ao invés da causa, propriamente dita. Há razão para se pensar assim? Se há, que medidas pensam tomar para aligeirar essas burocracias?

R – Há diferenças de Organizações para Organizações. As despesas administrativas associadas ao nosso trabalho são sempre de 10% da nossa actividade, mesmo assim é de mais. Nós estamos, neste momento, a fazer um esforço de reforma interna e, por exemplo, de 2006 para 2007, vão ser cancelados cerca de 600 postos de trabalho, em todo o mundo e particularmente aqui em Genève, no sentido de garantir de que cada vez mais o volume dos recursos postos à nossa disposição se traduza, directamente, em apoio aos interessados.

E, além disso, temos de prestar contas. No caso de uma Organização como a nossa, há um aperto muito grande, quer dos auditores do sistema das Nações Unidas, quer dos países doadores como os Estados Unidos que nos dá 330 milhões de dólares por ano, ou a Suécia que nos dá 30 milhões... isto para dar uma ideia. Como é óbvio todos querem saber como o dinheiro é aplicado. Há uma vigilância muito cerrada em



relação às nossas actividades o que nos obriga também a garantir uma máxima eficácia.

P – Como português, sente-se mais implicado e realizado no trabalho de coordenação e apoio aos PALOP?

R – Estou satisfeito a fazer este trabalho. Era mesmo isto que eu queria fazer, não queria fazer outra coisa.



P – Está confiante que os portugueses e Portugal apoiem estes projectos?

R – Estou. E Portugal está a aumentar muito o seu apoio com a aceitação de refugiados e até ajudando outros países neste domínio.

Ainda agora estivemos em Lisboa a inaugurar um Centro para refugiados, excelente.

Luz Neto e Antonio Pinheiro

#### Contacto:

UNHCR – Serviço de Ligação da Suíça e do Liechtenstein  
94, rue de Montbrillant • CH – 1202 Genève  
Tel. + 41 (0) 22 739 76 65  
E-mail: lunshof@unhcr.org

#### Orçamento Ensino da Língua Portuguesa

Custo total: 55.000 CHF

Cada donativo de 25 CHF permite a uma criança retornada aprender a Língua portuguesa  
Cada donativo de 1.000 CHF permite a uma turma de crianças retornadas aprender a língua portuguesa.

#### Orçamento de Projecto Agricultura

Custo total: 75.000 CHF

Cada donativo de 150 CHF permite a uma família de retornados beneficiar deste projecto  
Cada donativo de 15.000 CHF permite a 100 famílias de retornados beneficiar deste projecto (10 ha de multiplicação de sementes).

Caso pretenda apoiar este projecto do ACNUR/UNHCR, poderá efectuar o seu donativo através de transferência bancária, indicando os seguintes dados:

**Nome do Beneficiário:** UNHCR

**Finalidade do Pagamento:**

**Angola:** ensino da língua portuguesa a crianças retornadas.

**Angola:** projecto de agricultura para retornados

**Banco e conta do Beneficiário:** United Bank of Switzerland (UBS AG)  
P.O. Box, 8098 Zürich - Switzerland

**Código Swift:**

**UBSWCHZH80A**

**Moeda:**

**IBAN**

CHF IBAN	CH20 0024 0240 D710 0000 0
USD IBAN	CH20 0024 0240 D710 0000 5
EUR IBAN	CH20 0024 0240 FP10 2674 2

**Não se vive só de esperanças é preciso e urgente concretizá-las!**

# O Pescador

**J**orge era natural do Algarve. Até aos 15 anos de idade viveu na sua terra natal, ajudando o pai, pescador, até este se convencer de que Jorge não queria outra profissão. Na escola não passou da 2ª classe, não conseguindo, em adulto, ler qualquer frase por mais simples. Por volta daquela idade veio para Lisboa, para casa de um tio, igualmente pescador, que percorria o Tejo num pequeno barco a remos, pescando o que o rio dava.

Após ter cumprido o serviço militar na Calçada da Ajuda casou e saiu de casa do tio, passando então a pescar, por conta própria, numa chata.

Em dias de marés vivas, de água barrenta, apanhava camarão utilizando um pequeno arrastão que puxava lentamente, contra a corrente; entre-tinha-se também a colocar galríchos, em zonas do Tejo, onde sabia existirem grandes pedras e cascos de barcos afundados. O safio era o alvo. Não dis-

pensava igualmente o lançamento de aparelhos (linhas de pesca cheias de anzóis), onde e quando muito bem entendia, conjugando estas artes de mestria adquirida em muitos anos de experiência, que as suas mãos calejadas bem revelavam.

Em terra, nos tempos livres, passava horas encostado à esquina que a rua dos eléctricos fazia com a avenida principal, observando quem passava e conversando com os amigos.

O mundo de Jorge repartia-se pela pouca pesca, seu ganha-pão, e pelo futebol.

De um fanatismo doentio pela equipa de futebol da sua simpatia, era vê-lo, quinzenalmente, na Junqueira, em pleno peão do estádio de terra batida, deambulando para trás e para a frente, acompanhando as ofensivas da sua equipa, insultando os jogadores adversários e suas famílias, os árbitros e respectivas mães.

Jorge nunca admitia que os jogadores da equipa

# Millennium

## bcp

A v i d a i n s p i r a - n o s

### Genève:

Rue de Lausanne 54 • 1202 Genève  
Tel. 022 908 38 48 • Fax 022 908 38 45  
Tel. câmbio 022 908 38 40

### Lausanne:

Place Chauderon 18 • CP 5343 • 1002 Lausanne  
Tel. 021 320 99 32 • Fax 021 312 46 34  
Tel. câmbio 021 323 51 34

### Zürich:

Wyssgasse 6 • 8004 Zürich  
Tel. 044 296 60 40 • Fax 044 240 50 45  
Tel. câmbio 044 240 50 46



que apoiava pudessem cometer quaisquer faltas durante os jogos; só os adversários o faziam! O seu exacerbado fanatismo causava-lhe um sem número de problemas e por vezes era mesmo conduzido a uma esquadra de polícia.

Os amigos gostavam de o provocar fingindo ler, nos jornais desportivos, críticas altamente desfavoráveis aos jogos da equipa da sua simpatia, o que o irritava e o levava a elevar a voz com insultos de todo o tipo aos pretensos autores de tais crónicas. – Se você não acredita no que ouviu, leia! – e estendiam-lhe o jornal.

– Não me interessa o que os jornais dizem – respondia – Ninguém pode desmentir o que os meus olhos vêem! – e assim convenciam-se de que as pessoas não se apercebiam de que era analfabeto. Um assunto do agrado de Jorge era falar de mulheres. A sua fisionomia, geralmente austera, alterava-se completamente. Um largo sorriso rasgava-lhe logo a face. Por vezes gostava de dizer: – Conheci mulheres que afirmavam ser a minha boca muito bonita.

– Que lhes respondia? – perguntavam os amigos já conhecedores da resposta.

– Aproveitem-ma! – e ria até mais não.

A partir de certa altura começou a acompanhar igualmente os jogos da equipa de andebol do seu clube. Um rapaz seu amigo levava-o de carro.

Certo dia, durante o jogo, um jogador da equipa adversária caiu, contorcendo-se com dores. Foi muito comentado, entre os seus amigos, o seu grito: – Ó malandro! Estás a fingir! Devia dar-te uma trombose! – para logo acrescentar, berrando: E se ainda mexesses devia dar-te outra!

A ida os jogos, na companhia de Jorge, era muito desagradável para quem o acompanhava, mas um dia a situação mudou radicalmente: Jorge sofreu uma trombose que só lhe afectou a voz. Não conseguia articular quaisquer palavras. Quando se irritava gesticulava e soltava uma espécie de grunhidos.

– De agora em diante você vai assistir aos jogos, caladinho, e não chateia ninguém! – diziam-lhe os amigos.

Um dia Jorge faleceu inesperadamente.

Acordou aparentado boa disposição, contou a mulher, pouco depois sofreu uma trombose muito forte. Ainda pareceu reagir mas logo de seguida sofreu outra e ficou prostrado na cama.

### Isto podia e devia ser uma

**I**sto podia e devia ser uma conferência. Mas não é.

Podia ser um gesto, um grito, um pedido de socorro.

Mas não é.

Podia ser uma oração contrita e legalmente aceite pelos cânones duma qualquer igreja ou até de todas elas, uma prece consensual, dogmática e intocável.

Isto podia ser um verso sem rima

Mas também não é.

Isto podia ser o texto protocolar escrito de propósito para a visita do Governador dos Lions

Mas também não é.

Isto podia ser uma grito de revolta por viver aqui.

Mas também e ainda não o é.

Porque na ilha as mentes não foram formatadas pelo medo

Porque esta é uma terra de baleeiros e emigrantes

Isto não pode ser senão a afirmação desta estranha força que faz dos ilhéus criaturas plurais na arte de estar por detrás dos nevoeiros e tempestades reinventando os deuses e renovando a esperança.

Isto podia ser muitas coisas da mesma forma que pode deixar de ser o que quer que seja que não deixará de fazer sentido na visita do Governador do Lion's Clube de uma Distrito que é 115 mas podia ter outro número qualquer, que não deixaria de ser o Governador que deve ser recebido com pompa e circunstância nos pequenos clubes que recebem uma visita anual para formalizar abraços, encetar relações ou continuá-las mas que é sobretudo um protocolo respeitado por quem é a individualidade ano a ano.

O Lionismo existe? Existe com certeza. Como se chama? Quase tudo. Diria mesmo que tudo. Lionismo deve ser a palavra mais dura de pronunciar neste processo.

Estamos no limite da fronteira entre a Europa e a América, num pequeno concelho onde, por mérito ou fatalidade acaba a Europa e começa a América. E aqui está uma parte do meu problema: com lionismo ou sem ele, esta é a ilha mais ocidental da Europa e aqui sentimos, desde o principio do século passado, as presenças mais que fortes, do sonho, do El Dorado, da baleação arrojada, da partida e da chegada num tempo em que partidas e chegadas faziam, e ainda hoje fazem parte do nosso quotidiano. O Lionismo nas Flores tem que passar pelas apertadíssimas fronteiras da coragem, do empenho e da luta pela mudança, da fuga ao medo, da superação da inércia numa pequena família de pouco mais de três mil pessoas. Há



# conferência

muita gente que precisa de ser ajudada mas há muita gente que prefere ir de bengala ou de andarilho porque a mão do outro o compromete inevitavelmente com a sua impotência.

Ninguém desta terra pode ser governador dos Lion's. Porque não poderíamos visitar os Clubes, porque materialmente temos muitas, muitas prioridades e nenhuma delas é o lionismo a não ser na perspectiva deste grupo que assumiu fazer amor, caridade ou nada simplesmente com este nome e esta bandeira o que sempre fez gratuitamente e sem título muito antes de conhecer o movimento. Não podemos deixar de esclarecer que uma ilha tem características que não são denominador comum dos continentes ou mesmo do interior de Portugal mesmo que a interioridade seja um reflexo da necessidade de intervenção. Aqui sente-se a perseguição da pequenez da ilha e dos seus meios de fuga. É a guerra entre o horizonte simultaneamente curto e longe, tão longe que não se lhe adivinha o fim e é esta certeza de mar e mais mar à volta, deste verde sem outra expectativa que não seja verde e este céu azul sem outras certezas que não sejam as que se contam gota a gota como a chuva, onde o vento é que imprime ritmo às coisas, onde a solidão dá rosto ao desespero, onde o nevoeiro cede espaço à esperança ou à angústia. E tudo isto acontece, e tem que acontecer sem revoltas, sem lágrimas e sem medo. Numa intimidade que a pequenez devassa como devassam a nossa intimidade os nossos vizinhos que, ao verem a luz acesa depois da meia noite, se deitam e acalmam com a mórbida curiosidade de saberem se é orgia, se é dor. Mas conjecturam sobre isso como se fosse deles o problema. Mas é nesta ilha que companheiros nossos optaram



por viver e ser felizes com tanto mar à volta e tanto constrangimento lado a lado.

Aqui, é todos os dias acordar para o vazio de dias e dias sempre iguais em que os minutos se engolem, num gesto, que é quase um ritual enervante, numa agonia lenta de tranquilizantes sem nome para dores sem rosto, numa agonia lenta, nesta atmosfera informe de humidade bafienta e monótona, num clima de Sebastiãoes por aparecer. A password desta solidão é calar, silenciar, morder, sufocar, respirar fundo. E fica assim mesmo, certo? E se aparecer uma visita há café, o bolo de chocolate, muitos sorrisos. Porque faz parte do Carnaval da vida na ilha, trazer a máscara como quem traz a lingerie adequada a uma ida ao doutor num dia de consultas do foro da intimidade. A autenticidade aqui, paga-se. Mas paga-se por um preço muito alto. Mas quem não quiser usar esta escada natural de ida e volta pode optar por viver no palco da vida, onde os cenários caem demasiadas vezes porque, no fundo, todos estamos fartos de palco mesmo o palco bem decorado, livre e bem acabado que a democracia nos oferece hoje.

Está na hora de jantar. As minhas mil e uma questões, as minhas mil e uma dúvidas, as minhas mil e uma observações vão ficar dentro de mim a dançar rock and roll. Deve ser a única forma de estafar muito do que sinto e que a idade e a prudência aconselham a calar.

### Luto Directo, nos Quatro Elementos:

“Cadavre Exquis”, in memoriam Mário Cesariny de Vasconcellos

**N**o Princípio, era um osso calcinado, mas calcinado em branco, de todas as voragens dos séculos das dunas, e das superfícies extremadas, e impossíveis, do polimento dos sóis desérticos, e de todo o espelho ardente do Astro, totalmente abismado de Luz. E era então a Idade do Crómio, com um frágil deambulador lançado pelas encostas semicerradas de olhos, e afogado na impossibilidade das sensações do Reflexo, todo, e do Esplendor. E este foi o Primeiro Momento.

O segundo sortilégio era uma Falsidade: o seu Nome escondia-se por detrás de uma Fachada-Legião, a ordenar os muitos volúveis rostos do Mar, e nas ondas, e nas areias, e nas divindades crónicas das pequenas coisas, e nos deuses minúsculos, e também nos que comandavam a Matéria inteira e o Sonho extenso. E um corpo nu, pela Aurora, a desafiar a roda inexorável do Tempo. E este foi o Segundo Momento.

Embriagado de pólen, o besouro metálico ainda ignorava tal destino. E assim cumpriria, antecipado, o ingrato fado do seu próprio fado: meia estação, no seio de um mel amargo, e o ano de trevas da Metamorfose, e os dois curtos êxtases do instante da Procriação, e, logo após, o silêncio do Fim, de novo, e indolor. Pouco tempo, o seu, e

sem sequer chegar a conhecer os pausados sabores do Outono. Pois ele jamais saberia que o Amor não passava de uma melancólica preparação para a Morte.

E este foi o Terceiro Momento, mas era ainda o tempo do Mar, e da Luz e da Areia. Era a tarantela mágica, no calor da palha, a emudecer a roda dos receios. Cor contra cor, tarde demais, o escaravelho distinguiria as falsas preces do entorpecer. Sonolento e plácido, ele apenas sonhava com um vago equador de sensações, a brisa solar do meio-dia, e os infindáveis pólenes, cálidos e afrodisíacos, da sua breve deriva estival. Asa de fogo, a tarde cobre-o então. E é então que, hipnótico, o Entardecer também taceia, e o recomeça a enredar. Por um momento, a Atmosfera assim irá antecipar, nesse triângulo extremado de luz, todos os matizes do Poente, pois o seu corpo não passa agora de um lugar confuso de esplendores, e dos confusos rumores das sombras, e dos infindáveis jogos irisados do Crepúsculo, fundidos nos clarões rasos de uma tarde devastada.

A Aranha então avança, e já o pólen é negro e a penumbra das pétalas, e, quando o abraço nele esboça, é no conturbado instante, onde se franqueia a linha turva, para lá da qual se semeiam só Silêncio e Medo. Não a chegará a ver, pois é

Temos a certeza de que a **Pessoas** passa a fazer parte do seu dia-a-dia. Não perca tempo. Este é o cupão de assinaturas.

Preencha-o e devolva-o. **Já!**

Pessoas magazine – Case Postale 1877 – 1211 Genève 1

Nome/Non: .....

Morada/Adresse: .....

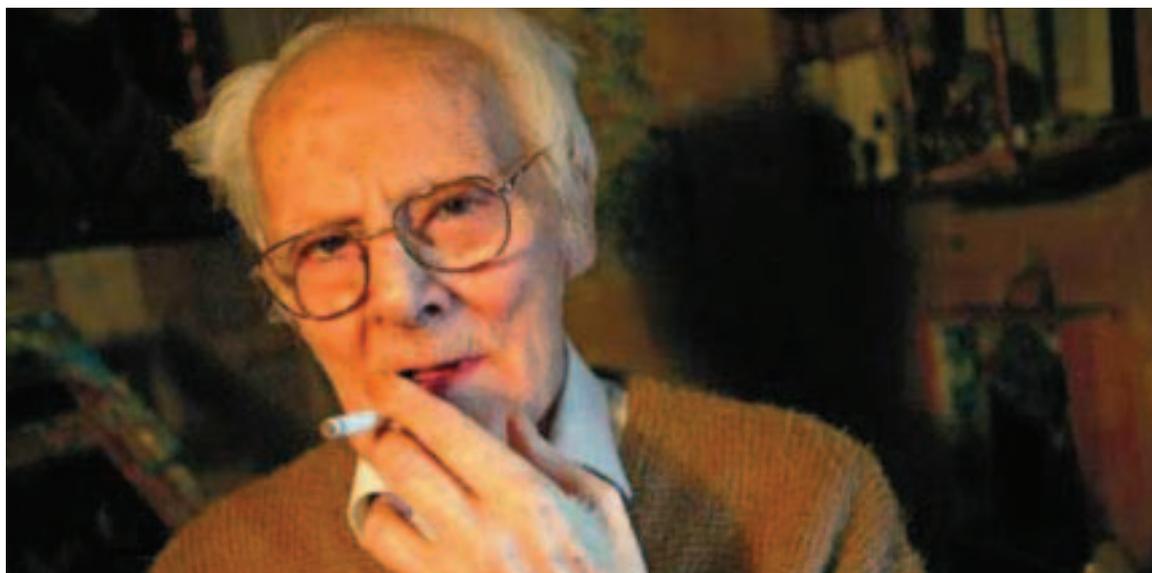
Código postal: .....

Tel. ....

Assinatura anual (Suíça) 20frs  (Europa) 40frs

Assinatura anual de Apoiente  .....frs

# a Terra e a Água e o Fogo e o Ar



tarde, e já o estreita, num súbito convulsionar. Em vão se debaterá, enquanto, férrea, lhe procura as juntas da couraça, para injectar um mortal veneno.

Como numa cama apressadamente revolta, também a corola se encontra agora desfeita. A luz decai e a dança cessa. Mineral, a tarde inteira avança. E também o besouro se torna ali de pedra, e a Aranha inicia o seu brutal repasto.

Pelas frestas das portadas, eis que surge agora o doce encanto. E este é o Quarto Instante. E eu reconheço a radiante face, que ora se ergue altiva, sobre um negro manto. É a soberana candeia nocturna, a Deusa, que rompe o breu e o silêncio, no

seu cúmplice cumprimentar prateado. Ora anseia o fechar do Ciclo, em que desvelará todo o seu esplendor.

Convida-me, Esmat, para a tua Grande Reunião. Sob o olhar atento da Venerável, as crias perscrutam aqui, nas trevas, e correm ao encontro da Progenitora, anfitriã da celebração inteira, e eternizam o selvático êxtase, no momento da devota comunhão.

Eis o astro marginal, minha mãe e amante, sedutora confidente, conselheira indulgente, que me ilumina a Escuridão. E a Lua, no oxímoro da sua esfera escura, recomeça então a erguer-se ao fundo, como outra forma ardente dos astros.



**Escritório de Representação em Genève**

Rue terraux du Temple 9 – CP 1829 – 1211 Genève 1

Tel 022 731 58 00 • Fax 022 731 58 04 • Câmbio 0800 96 58 00 (número gratuito)

# Bex – Fascinante mundo

**O** sal tem um papel importante, vital, para a vida dos homens e animais. Mas quando em excesso... lá vêm os males que ele acarreta!

Através dos tempos mitos, religiões, ritos e costumes teceram-lhe histórias que tanto o vene-



ram como o amaldiçoam. Para os Gregos era um presente dos deuses, para Roma era a paga dos salários (sal – salário). Judeus e católicos frisam-no nas Escrituras como símbolo de vida e pureza mas também como símbolo de morte – a mulher de Loth transformada em estátua de sal.

Quando os grandes do mundo o dispunham no seu território, também dispunham do poder e transformavam os outros em tributários que lhe traziam grandes dividendos.

Assim eram os suíços, que durante séculos foram tributários de Génova, Veneza, Áustria, Alemanha e da zona da Alsácia,

Porém, no séc. XV e segundo a lenda, um jovem pastor observava que as suas cabras tinham especial predilecção pela água que jorrava em *Penex* – perto de *Ollon* e acima de *Bex* (*Pays Vaudois*) –. Prova-a e, achando-a salgada, enche o caldeirão, com ela. Ferve-a obrigando-a a evaporar-se e eis que surge, no fundo do recipiente, uma fina camada de sal.

Estava encontrada a solução para a Suíça se libertar de tão grandes tributos...

Um trabalho hercúleo foi feito, posteriormente, durante séculos. São 40 Km de galerias no interior da montanha fazendo um imbricado labirinto aconselhado a explorar, mas sempre acompanhado de guias que fornecem todas as explicações, com simpatia e disponibilidade.

Quando da primeira exploração, a extracção da rocha era feita só numa galeria – *Bon Espoir* – que conduzia a um amplo espaço (30 metros de comprimento, por 10 de largura e 3 de altura) num só piso.

Mais tarde serão cavados mais dez pisos: três abaixo da dita galeria inicial e seis acima. De



# subterrâneo das minas de sal



notar que a espessura dos tectos que as separam não ultrapassa os três metros, daí ver-mos autênticos alinhamentos de “pilares” em madeira suportando as coberturas rochosas.

É a zona da *Tranchée du Bouillet* (acabada em 1821) que oferece uma visita mais entusiasman-

te porque nas “salas” encontram-se originais e réplicas de todas as máquinas, utensílios e objectos empregues na extracção do sal, bem como a possibilidade de comparar cristais de rocha e, porque não, pegar num martelo e arrancar da rocha a sua própria recordação de salgema.

Desde meados do séc. VIII, *Bex*, tornou-se

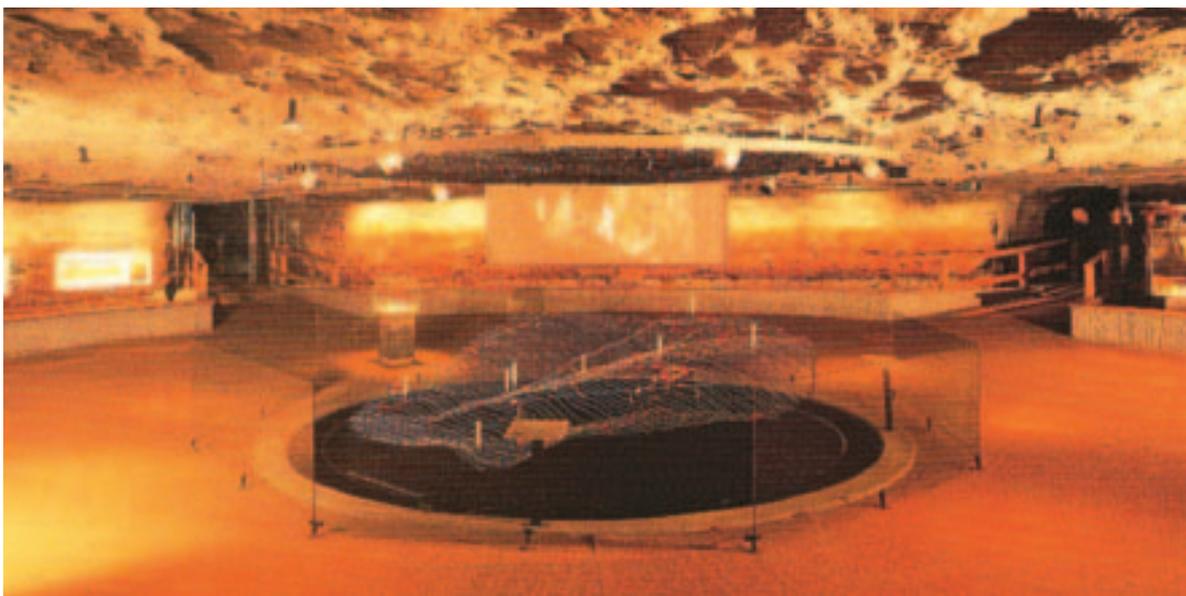
célebre pelas suas águas minerais, sulfurosas e também com cloro e sódio, captadas na zona de *Iles* (planície do *Rhône*). A descoberta de nascentes quentes atraiu o turismo, sendo, dessa altura a fundação do *Grand Hotel des Bains* e em 1871 o *Hotel des Salines* (hoje demolido). No entanto outras termas abriram e, com a concorrência agressiva que foi feita a esta zona, acabaram por restar apenas as termas de Lavey, que, entretanto tiveram que modernizar-se para fixar a clientela. Mas o que permanece inalterável é a água, água salgada de *Bex*, para tratamentos.

O enquadramento paisagístico destas minas de sal é atractivo e repousante. O visitante tem à sua disposição um local de merendas e, nas encostas que o rodeiam, um arvoredado sulcado de trilhos para praticar desporto e fazer uso das BTT.

Depois de desfrutar o exterior, pegue numa peça de roupa mais quente (nas galerias a temperatura é de 16°/17° graus centígrados), meta-se num dos vagões do comboiozinho castiço – pequeno



### Bex – Fascinante mundo subterrâneo das minas de sal



por causa da estreiteza dos túneis – ... O apito marca o arranque para uma viagem ao interior da terra e o guia recebê-lo-a: “*Bem-vindos ao fascinante mundo subterrâneo das minas de Bex!*”

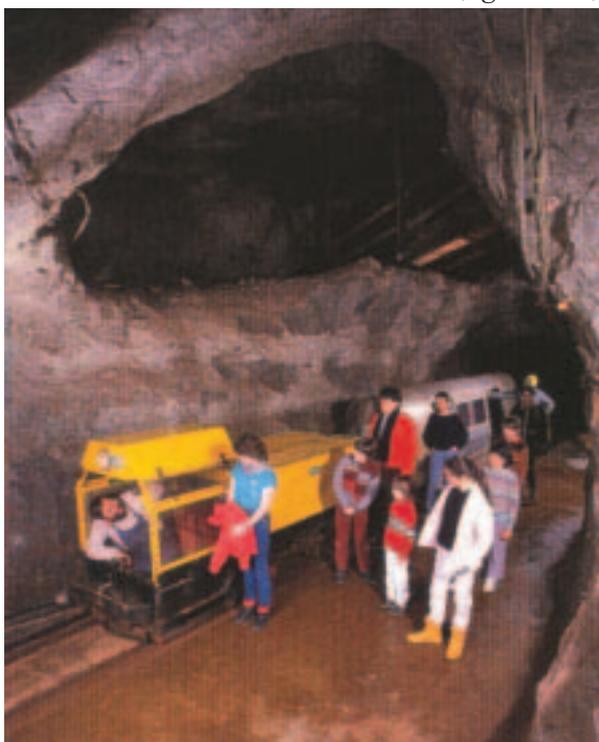
Outros visitantes, célebres, já fizeram esta viagem de aventura. Nas paredes das galerias ou nos reservatórios há-de encontrar, gravados,

nomes como: Jean-Jacques Rousseau, Madame de La Briche, Alexandre Dumas, L’Impératrice Marie-Louise, Jean-Rodolphe de Sinner...

E depois? Quer continuar a descobrir a zona do *Chablais*?

Parta das Minas de Sal com o mapa que lhe indica as 7 maravilhas *Du Chablais*. São próximas umas das outras e, neste caso só lhe faltam seis porque as *Salines de Bex*, acabou de explorá-las!!!.

Catarina Reis



Objectos e produtos que exigem o sal na sua confecção

## Brigada Ligeira

O Natal esta de volta e nós também.

Para lhe contar coisas do Natal dos grandinhos e lhe dizer, ao ouvido, “Boas Festas”. Acredite que são votos sinceros de gente sincera.

Agarre neles e faça uma coroa de desejos para 2007:

Tem 365 dias para ser feliz.

Repete-se tudo: o calendário, os presentes, os discursos, os votos, o Pai Natal, as emissões de televisão, as lágrimas de alegria e os gritos de protesto, a doçura da aletria e o ainda mais doce desejo de trocar de vida. Isso, pelo menos, é o que dizem os políticos e o que fazem os homens do poder. Anunciam que tudo vai mudar, para melhor. Pregam sermões de confiança e gritam protestos de boa fé. Fazem-se de anjinhos e inventam novos natais dos pequeninos – “ou dos grandinhos” – , se o Senhor me permitir tamanha ofensa. E, ainda por cima, acham que o dito subsídio de natal deve servir para pagar coisas mais profundas, católicas e praticantes: fazer presépios e pagar os impostos. Todo e qualquer dinheiro que não se oriente nesse sentido – fazer presépios e pagar impostos – é mal empregue e leva o crente por caminhos de perdição e pecado.

E tantos são os pecados da vida! Muitos são atrevidos e de tranças, mesmo se a Senhora Mão do Menino tolera bruxas e mulheres menos virtuosas. Pudera. Ela, virgem santíssima, vai dar à luz um menino, em sítio menos luxuoso, mas abençoado. E não foi por isso que a sua virgindade sofreu abalo e as suas tranças foram cortadas. Rezemos, pois, para que o Menino Jesus nos acuda em tamanha dificuldade de descrença e para que possamos alcançar novos níveis de bondade, sabedoria e muita fé. Tanta seja a fé que consigamos ver uma luz no fundo do túnel e um lampião a brilhar na casa

de cada um. Tanta seja a fé que consigamos acreditar que a vida vai melhorar, que o salário vai crescer, que a honestidade será presente em todos os sítios e que os homens bons deixarão de desejar a mulher do vizinho. Tanta seja a fé que acreditemos que o Governo vai melhorar as pensões, vai dar mais conhecimento e competências, vai acelerar as reformas ao gosto de todos e vai endividar-se mais para que eu me endivide menos. Tanta seja a fé que a terra seja coberta pelo manto da paz e pelo silêncio das armas!

Mas, sinceramente, nada muda: o primeiro de Janeiro vai continuar a ser o primeiro dia do ano, o Mourinho vai continuar a ser o ex-treinador do Porto, o aumento das coisas vai acontecer mesmo, o referendo sobre o aborto vai obter a maioria, o Natal vai trazer presentes para os mais pequenos e algumas lágrimas para os maiores, o Sócrates vai continuar a ser o Primeiro-Ministro e as geadas “cairão” nos sítios mais frios e mais pobres. Mesmo se Deus dá o frio conforme a roupa, é preferível estar bem agasalhado do que ficar à espera que Ele se lembre disso. Nós não esquecemos: em Dezembro, o Natal bate à porta das saudades e a noite de 31 explode em milhentas bolinhas de esperança. Tanto na noite de consoada, já a seguir, como na noite de S. Silvestre, uma semana mais tarde, felicidades! Mesmo muitas em 2006 e em 2007.

## Genève

Consulado Geral de Portugal  
 Cônsul Geral – Dr. Júlio José Vilela  
 Rte. de Ferney, 220 - 1218 Grand-Saconnex  
 Tel. 022 791 76 36 Fax 022 791 76 38  
 Chancelaria: 022 791 76 33  
 Serviços Sociais: 022 791 76 39  
 Atendimento: 08h30 – 13h30  
 mail@cggen.dgaccp.pt

Serviços de Ensino  
 Responsável Dra. Graciete Camejo  
 Rte. de Ferney, 220 - 1218 Grand-Saconnex  
 Tel. 022 798 87 66 / 67 Fax 022 798 87 68  
 ensinoge@hotmail.com

Livraria Camões  
 Bd. James Fazy, 18 - 1201 Genève  
 Tel 022 738 85 88 Fax 022 738 88 37  
 camoes@bluewin.ch  
 www.livraria-camoes.ch

Rádio Cité - 92.2 FM /cabo 98.6  
 Emissão em Português  
 Hora Lusitana - Genève  
 A P I C - Association Portugaise  
 d'Information et Culture  
 Sábados e Domingos das 17.00h às 18.30h  
 Tel. 022 309 09 58 Fax 022 309 09 69  
 horalusitana@radiocite.ch

Banco Português e Investimento  
 R. de Lausanne, 36 - 1201 Genève  
 Tel. 022 906 17 90 Fax 022 906 17 93  
 www.bancobpi.pt

MILLENNIUM BCP  
 R. de Lausanne, 54 - 1202 Genève  
 Tel. 022 908 38 48 Fax 022 908 38 45  
 www.millenniumbcp.pt

Caixa Geral de Depósitos  
 R. de Lausanne 67-69 - 1202 Genève  
 Tel. 022 908 03 60 Fax 022 908 03 69  
 www.cgd.pt

Crédito Predial Português / Totta & Açores  
 Rue de Genève 134 – 1226 Thônex-Suíça  
 Tel. 022 348 47 64 Fax 022 349 82 44  
 www.totta.pt

Montepio Geral  
 R. Terreaux-du-Temple, 9 - 1201 Genève  
 Tel. 022 731 58 00 Fax 022 731 58 04  
 www.montepiogeral.pt

## Lausanne

Banco Espírito Santo  
 Av. Montchoisi, 15 - 1006 Lausanne  
 Tel. 021 614 00 14 Fax 021 614 00 15  
 www.bes.pt - emigr@bes.ch

MILLENNIUM BCP  
 Pl. Chauderon, 18 - 1002 Lausanne  
 Tel. 021 320 99 32 Fax 021 312 46 34  
 www.millenniumbcp.pt

S.E.P. VOYAGES  
 Av. de Montchoisi 2 - 1006 Lausanne  
 Tel. 021 601 08 30 Fax 021 601 08 31  
 agence@sep-voyages.com

## Sion

Escritório Consular de Portugal  
 Chanceler - Rosa Paiva  
 Atendimento: 08h30 – 13h30  
 Av. du Midi, 7 - 1950 Sion  
 Tel. 027 323 15 11/16 10 Fax 027 323 51 11  
 mail@cggen.dgaccp.pt

## Bern

Embaixada de Portugal em Berne  
 Dr. Eurico Henriques Paes  
 Weltpoststr. 20 - 3015 Bern  
 Tel 031 351 17 73/74 Fax 031 351 44 32  
 Conselheiro Social - Dr. Manuel de Matos  
 Chancelaria: 031 352 73 49  
 Serviços Sociais: 031 351 17 42  
 mail@sceb.dgaccp.pt

Serviços de Ensino  
 Coordenadora - Dra. Madalena Silva  
 Weltpoststr. 20 - 3015 Bern  
 Tel. 031 352 73 49 Fax 031 351 44 32  
 epse@bluewin.ch

## Zurique

Consulado Geral de Portugal  
 Cônsul - Dr. António de Antas de Campos  
 Zeltweg 13 - 8032 Zurique  
 Tel. 044 200 30 40 Fax 044 200 30 50  
 Serviços Sociais: 044 200 30 44  
 Serviços de Ensino: 01 361 33 32  
 Horário: 08h30 – 14h00  
 mail@cgzur.dgaccp.pt

Serviços de Ensino  
 Responsável Dra. Fernanda de Almeida  
 Zeltweg 13 - 8032 Zurique  
 Tel. 044 261 33 32s Fax 044 200 30 50

Rádio Lora - 97.5 FM - Emissão em Português  
 Espaço Português - Zurique  
 Sábado - das 15.30h às 17.00h  
 Tel. 044 567 24 00 Fax 044 567 24 17  
 www.lora.ch - programa@lora.ch

Rádio - Kanal-K - 92.2 ou 94.4 FM  
 Emissão em Português  
 Espaço Português - Aarau

Quinta-Feira - das 19.00h às 20.00h  
 Tel. 062 834 90 80 Fax 062 834 90 74  
 www.kanalk.ch - admin@kanalk.ch

MILLENNIUM BCP  
 Wyssgasse, 6 - 8004 Zurique  
 Tel. 044 296 60 40 Fax 044 240 50 45  
 www.millenniumbcp.pt

ICEP-Portugal  
 Zeltweg, 15 - 8032 Zürich  
 Tel. 043 268 87 68 Fax. 043 268 87 60  
 www.icep.pt - icep@icep.ch

TAP Air Portugal  
 Gotthardstr. 56 - 8002 Zürich  
 Tel. 043 344 38 88 Fax. 043 344 38 89  
 tap.switzerland@tap.pt

Agência de Viagens Félix  
 Dubsstrasse 47 - 8003 Zürich  
 Tel. 044 450 82 22 Fax 044 450 82 20  
 www.agenciafelix.ch

## Jornais e Revistas

Boletim Informativo  
 Lusitano de Zürich  
 Birmensdorferstr. 48 - 8004 Zürich  
 Tel. 01 241 52 15

Gazeta Lusófona  
 Dir. Adelino Sá  
 Postfach 3010 - 6002 Luzern  
 Tel. 041 310 06 30 Fax 041 311 02 42  
 a\_sa@gazetalusofona.ch  
 www.gazetalusofona.ch

Guia Info Shop  
 Dir. Carlos Lopes  
 Wasserfallstr. 72 A - 6390 Engelberg  
 Telm.079 432 13 47  
 www.infoshoppportugal.com

Luso Anuário  
 Dir. Mário Pereira  
 Case Postal 459 - 1226 Thônex-Suíça  
 Tel. 079 775 62 88  
 www.lusoanuario.com  
 lusoanuario3@msn.com

Luso Helvético  
 Dir. Ribeiro Santos  
 Case Postal, 268 - 1030 Bussigny  
 Tel. 021 701 95 61 Fax 021 701 95 64  
 director@luso-helvetico.ch  
 www.luso-helvetico.com

PESSOAS-magazine  
 Dir. António Pinheiro  
 Case Postal, 1877 - 1211 Genève 1  
 Tel. 022 738 85 25 Fax 022 738 88 37  
 pessoasmagazine@bluewin.ch



**Caixa Geral  
de Depósitos**

HÁ MAIS NA CAIXA  
DO QUE VOCÊ IMAGINA.

## APRENDA PORTUGUÊS À DISTÂNCIA

Cursos de língua portuguesa para  
clientes residentes no estrangeiro.

Inscreva-se através de  
[www.cgd.pt](http://www.cgd.pt)

Aproveite a oportunidade.

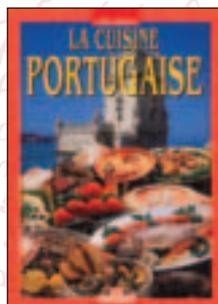
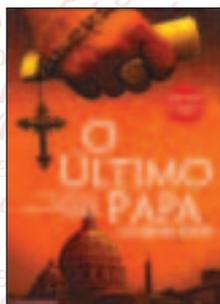
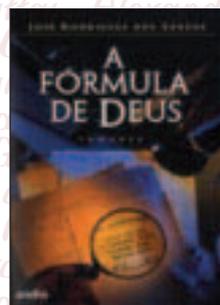
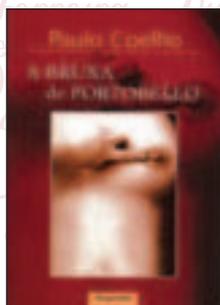
Oferta promocional limitada.

# Livraria Camões



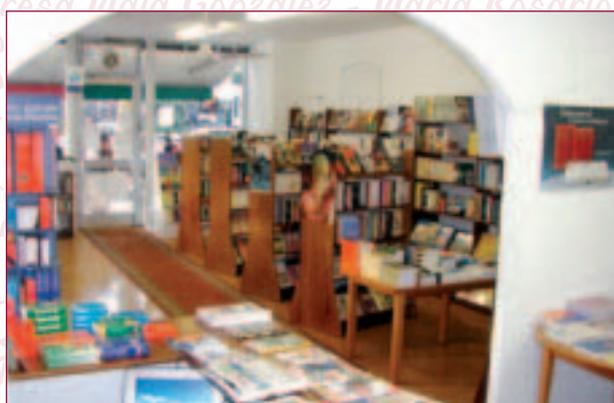
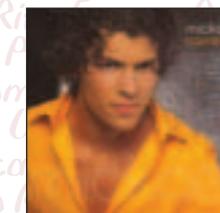
## Concretize sonhos! Ofereça livros!

### Os dez mais



### Música

### Os Cinco mais



### Literatura Portuguesa

romance, ficção, ensaio, investigação,  
culinária, história, conto, aventura...

Manuais escolares e toda a música  
portuguesa disponível em CD e DVD.

Visite-nos em:

[www.livraria-camoes.ch](http://www.livraria-camoes.ch)